



**Centro Universitário de Brasília - UniCEUB**

**Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES**

**Curso de Psicologia**

**Psicoterapia e Subjetividade: prática profissional e possibilidades de compreensão sobre processos humanos em psicoterapia**

**Aluno:** Vitor Pedro Moretto Cordeiro – RA:

**Orientadora:** Dra. Valéria D. Mori

Brasília- DF

Dezembro/2022

**Psicoterapia e Subjetividade: prática profissional e possibilidades de compreensão sobre processos humanos em psicoterapi**

Dedico este trabalho a quem se  
dedica a pensar a psicoterapia como  
campo de produção do saber  
científico.

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente as minhas pacientes que confiam suas histórias ao meu trabalho, que me possibilitam diariamente, exercitar a dialogicidade e a dimensão concomitante entre teoria e prática. O consultório é o campo de desenvolvimento do paciente e do psicoterapeuta. Sinto-me grato em poder seguir neste caminho. Muito obrigado.

Agradeço a minha mãe por todos os cafés da manhã regados a discussões calorosas sobre a psicologia em suas mais diversas expressões no mundo. Agradeço muito por ter acolhido muitas das minhas angústias, por me escutar e incentivar a concluir este momento de aprendizagem.

Agradeço a minha irmã pela forma complexa com que divide comigo sua existência no mundo, pela escuta, por falar sobre suas percepções acerca da psicologia e de sua jornada na vida universitária.

Agradeço ao meu avô Vasco e a minha avó Sheyla por terem demonstrado ao longo da minha vida a mais intensa forma de amor que já tive contato. Agradeço a parceria dos meus amigos, em especial à Hannah pelo acolhimento nos meus momentos de maior angústia, pelas trocas de ideias e reflexões teóricas, e também ao Bernardo pela presença e incentivo ao longo do processo.

Agradeço a Amanda, amiga que conheci no mestrado e nossa relação se estende para além da vida acadêmica, nossas discussões proporcionaram um salto qualitativo muito significativo na minha produção no mestrado. Muito obrigado.

Agradeço a minha amiga, supervisora e orientadora, Valéria Mori, por ter me acolhido desde o início, não só deste, mas de toda minha jornada enquanto pesquisador. Agradeço por ter

estado tão próxima de mim ao longo do tempo, me escutado, brigado comigo e me mostrado novas possibilidades de pensar a psicoterapia.

Agradeço às professoras Luciana, Ciomara e Marília pelo cuidado ao ler esta produção, pelas sugestões importantes que fizeram para o avanço dessa pesquisa, além da participarem ativamente na minha formação como psicólogo desde a graduação.

Por fim, e não menos importante, eu agradeço (muito) à Gabriela, minha analista, por não ter me deixado desistir.

## **Epígrafe**

Certa vez, um erudito resolveu fazer ironia comigo. Perguntou-me: “O que é que você leu?” Respondi: “Dostoiévski”. Ele queria me atirar na cara os seus quarenta mil volumes. Insistiu: “Que mais?”. E eu: “Dostoiévski”. Teimou: “Só?”. Repeti: “Dostoiévski”. O sujeito, aturdido pelos seus quarenta mil volumes, não entendeu nada. Mas eis o que eu queria dizer: pode-se viver para um único livro de Dostoiévski. Ou uma única peça de Shakespeare. Ou um único poema de não sei quem. O mesmo livro é um na véspera e outro no dia seguinte. Pode haver um tédio na primeira leitura. Nada, porém, mais denso, mais fascinante, mais novo, mais abismal do que a releitura.

Nelson Rodrigues.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS</b> .....	11
<b>3 PSICOTERAPEUTA-PESQUISADOR: COMPREENDENDO PRÁTICA E PESQUISA COMO PROCESSO</b> .....	12
<b>4 MÉTODO E EPISTEMOLOGIA: CARACTERIZANDO UMA FORMA DE COMPREENDER SUBJETIVIDADE</b> .....	16
4.1 PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS PARA COMPREENSÃO DE UMA EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA.....	17
4.2 O MÉTODO CONSTRUTIVO-INTERPRETATIVO E OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO.....	20
4.2.1 <i>Setting</i> terapêutico # Cenário social da pesquisa.....	20
4.2.2 Informações, indicadores e hipóteses.....	22
4.2.3 Subjetividade, sentidos subjetivos e configurações subjetivas: compreendendo núcleos geradores de subjetividades.....	25
4.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	30
4.4 CARACTERIZANDO A COMPREENSÃO DE PSICOTERAPIA A PARTIR DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE.....	31
<b>5. O CENÁRIO SOCIAL E A PARTICIPANTE DE PESQUISA</b> .....	36
<b>6. ANÁLISE E CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO: PSICOTERAPIA, TEORIA E PRÁTICA A PARTIR DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE</b> .....	37
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	54
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	56

## Resumo

Partindo da Teoria da Subjetividade, da Epistemologia Qualitativa e do método construtivo-interpretativo de González Rey, este trabalho se dedicou: 1) discutir momentos de diálogo de um psicoterapeuta que se orienta pela teoria da subjetividade, 2) a exemplificar, pela via de um estudo de caso, o caminho pelo qual toma forma a atuação do psicoterapeuta fundamentado neste referencial, e 2) a explicitar, nesta exemplificação, como a configuração subjetiva da teoria enquanto recurso de sensibilidade e de pensamento é o alicerce da prática clínica. Para isto, nos debruçamos sobre a construção e a análise da informação organizada por um psicoterapeuta acerca do processo terapêutico com Juliana (nome fictício), pessoa atendida por ele há dois anos e ainda em psicoterapia. Este percurso visibilizou como os modos pelos quais a Teoria da Subjetividade foi configurada subjetivamente pelo psicoterapeuta participou da constituição de uma qualidade específica de relação com Juliana e, nisto, veio a participar também da constituição de vias singulares pelas quais ela veio a olhar para si e a se posicionar no espaço da psicoterapia e na vida – e não de maneira linear, instantânea e unívoca, como pretende a lógica de aplicação das teorias na clínica, mas a partir da criação autoral que a Teoria da Subjetividade, tal como vivida pelo psicoterapeuta, lhe permitiu gerar.

Palavras chave: subjetividade, psicoterapia, epistemologia qualitativa, saúde,

## **Abstract**

Based on the Theory of Subjectivity, Qualitative Epistemology and the constructive-interpretive method of González Rey, this work was dedicated to: 1) discussing moments of dialogue of a psychotherapist who is guided by the theory of subjectivity, 2) to exemplify, through a case study, the way in which the psychotherapist's performance takes shape based on this reference, and 2) to explain, in this example, how the subjective configuration of theory as a resource of sensitivity and thought is the foundation of clinical practice. For this, we focused on the construction and analysis of the information organized by a psychotherapist about the therapeutic process with Juliana (fictitious name), a person he has attended for two years and still in psychotherapy. This route made visible how the ways in which the Theory of Subjectivity was subjectively configured by the psychotherapist participated in the constitution of a specific quality of relationship with Juliana and, in this, also came to participate in the constitution of singular ways through which she came to look at herself and to position itself in the space of psychotherapy and in life – and not in a linear, instantaneous and univocal way, as the logic of application of theories in the clinic intends, but based on the authorial creation that the Theory of Subjectivity, as experienced by the psychotherapist, allowed him to generate.

Keywords: subjectivity, psychotherapy, qualitative epistemology, health,

## 1. Introdução

Ainda como estudante de psicologia, já me incomodavam diversas questões sobre a forma como precisamos nos apropriar de determinados modelos teóricos complexos que delimitam sistemas de pensamento em psicologia, como a psicanálise, a análise do comportamento, as teorias humanistas nas quais, normalmente, os exemplos ao longo dos textos não correspondem ao nosso processo cultural atual. Assim, aproximei-me de discussões sobre educação nas quais a Teoria da Subjetividade parecia ter um olhar crítico para a compreensão dos processos humanos.

Essa atitude proporcionou-me um novo olhar sobre o que é teoria: um sistema vivo e dinâmico que, em tensão com as demandas a que se propõe, pode ser questionado e ampliado. Minha vivência nas pesquisas em educação me possibilitou aprender a pensar a partir da subjetividade e, ao longo do tempo, expandir esse olhar às demais áreas da psicologia. Hoje, como psicoterapeuta que atua com base na Teoria da Subjetividade, tenho compreendido esta como uma forma de pensar muito potente para a compreensão dos fenômenos humanos e que, de alguma forma, se expressa na clínica de forma dialógica e singular.

A complexidade do objeto de estudo da psicologia tornou possível uma diversidade de explicações para seus fenômenos, e viabilizou diferentes formas de compreensão das experiências do ser humano no mundo. As ramificações da psicologia diversificaram-se e suas possibilidades de compreensão, atuação e pesquisa foram também diversificadas. Ao longo da presente discussão busco caracterizar o campo da psicoterapia para a Teoria da Subjetividade e evidenciar a forma como se desenvolve um processo de psicoterapia nessa forma de compreender os processos humanos.

Enfatizo que esta pesquisa tem a intenção de fomentar o campo de produção do saber científico em psicoterapia que, de alguma forma, ficou à margem dos estudos da psicologia.

A psicoterapia é um dos campos tradicionais de estudo em psicologia. Tem suas primeiras descrições com a clínica psicanalítica fundada por Sigmund Freud, no século XIX, e passa por diversos desdobramentos ao longo do século XX, que se refletem até o presente momento. Inicialmente, o desenvolvimento dos estudos sobre os processos clínicos em psicologia acontecia com base no que demandava o modelo biomédico tradicional. A pessoa em tratamento era compreendida como um paciente, o foco era centrado na possibilidade de cura da doença ao longo do processo terapêutico. Assim, pode-se entender que a clínica em psicologia, naquele momento, acontecia da mesma forma que aconteciam os atendimentos em clínica médica. Em decorrência disso, o psicólogo era tido como um especialista em compreender e solucionar transtornos, sua prática se centrava no sintoma e na busca de sua eliminação. (González Rey, 2007)

Considero importante, neste ponto, enfatizar que o desenvolvimento da clínica psicanalítica, inicialmente com Freud e posteriormente com outros psicanalistas, aconteceu de forma diferente do que postulava o modelo biomédico, mas não na totalidade da discussão. A psicanálise mantinha seu foco no adoecimento psíquico e na forma com que os sintomas apareciam e deixavam de aparecer na clínica. Porém, o conceito de inconsciente passa a distanciar a psicanálise dos modelos em que era necessário tratar apenas o considerado observável e tangível, dentro de uma lógica médica. Isso não torna a psicanálise melhor ou pior que o movimento que acontecia em outras formas de produção e elaboração da psicologia clínica, mas a torna diferente a partir da ideia de inconsciente. (Parker, 2006)

A psicanálise possibilita, então, uma virada na forma de compreender o humano. O fato do foco do estudo e do tratamento deixar de ser o observável é um caminho que supera a ideia de objetividade no acompanhamento psicoterápico e evidencia a importância de um método clínico que não era pautado apenas no empírico, mas no desenvolvimento teórico a partir do desenrolar

dos acontecimentos na sessão. Além de superar a objetividade herdada do modelo biomédico, a

psicanálise traz à tona a imprevisibilidade dos fenômenos humanos e passa a compreender a psicoterapia fora de um viés apenas prescritivo, ou seja, o que é falado na sessão não depende do que o analista pensa sobre o caso, mas do que faz sentido para a pessoa que fala sobre suas questões naquele momento.

É interessante pensar a partir de como se tece um diálogo psicoterapeuta-cliente: o foco do terapeuta não é pensar na melhor forma de resolver os problemas da pessoa, mas na melhor forma de tensionar e problematizar as questões que emergem durante a sessão. O trabalho do psicoterapeuta não deve ser centrado no problema a ser resolvido, mas, sim, na forma pela qual os questionamentos podem possibilitar à pessoa pensar sobre suas questões de maneira a gerar novos sentidos sobre determinados problemas. Psicoterapia é um processo de reflexão e questionamento.

Assim como as outras atividades na psicologia, a psicoterapia passou por uma mudança na quantidade de produções e na forma com que essas discussões repercutiam em determinados grupos de pesquisa. Atualmente, as correntes teóricas, as abordagens, ampliam seus trabalhos e defendem pontos de vistas diferentes de conceber a experiência do humano no mundo. A psicoterapia acompanha o caminhar da ciência contemporânea e modifica-se de acordo com novas formas de compreender processos humanos.

Desenvolvo o presente trabalho a partir do referencial cultural-histórico da subjetividade proposto por González Rey, que integra diversas críticas sobre o papel do psicólogo e surge a partir dos trabalhos da psicologia cultural-histórica de Lev Vygotsky. Nas discussões presentes ao longo da obra de Vygotsky, González Rey considera fundamental compreender aspectos da cultura para pensar a forma como a pessoa desenvolve-se social e psiquicamente. O autor assume como central a proposta de uma lei genética geral do desenvolvimento cultural: as funções

psicológicas desenvolvem-se primeiramente no interpessoal, na relação com os outros, na

mediação, para depois ganhar uma dimensão intrapsíquica. O que o autor busca evidenciar é a compreensão do que é "psicológico", acontecendo primeiro no outro, como campo de desenvolvimento, e posteriormente assumindo uma forma própria no desenvolvimento da pessoa. Esse modo de pensar toma forma em uma diversidade de conceitos que podem ser desenvolvidos dentro de uma compreensão cultural-histórica na psicologia clínica.

González Rey (1997,2002,2005,2017) não integra leis gerais ou formas universais de compreensão do humano à Teoria da Subjetividade. Ao longo deste trabalho, exploro a maneira como a Teoria da Subjetividade assume uma forma própria de produção de conhecimento sobre o humano. É, porém, fundamental compreender a teoria cultural histórica e, em seguida, compreender mais sobre a Teoria da Subjetividade. Existem pontos em comum que dão sentido à forma de compreender o humano e seus processos em tensão com a cultura.

Em sua discussão sobre psicoterapia, González Rey (2007) mostra elementos comuns à proposta da psicologia cultural-histórica. Evidencia a linguagem e a relação como fundamentais para a compreensão e avanço de uma prática clínica centrada nessa proposta. O autor, contudo, destaca o caráter ontológico, mostrando que a proposta não se perde em apenas reificar o discurso das práticas simbólicas. Compreende que a pessoa não é resultado das condições que vive, mas é núcleo gerador para transpor o momento presente. Este também é um ponto fundamental para esta discussão e será explorado no capítulo de construção de informação. Se torna importante destacar aqui, que o presente trabalho não tem a intenção de formalizar críticas à psicanálise que já foram feitas por González Rey ao longo de sua obra, nosso diálogo pontual com a teoria psicanalítica considera a importância da produção e fomento do conceito de inconsciente para compreender o humano para além de processos biológicos e inclusive considerar a virada

epistemológica que a formulação da teoria psicanalítica proporcionou para emergência que diversas outras formas de compreender os fenômenos humanos.

A diversidade de formas de compreender os fenômenos humanos, somados à sua multiplicidade, possibilitou que algumas teorias abarcassem mais determinadas temáticas do que outras. Desta forma, no Brasil, os estudos que abarcavam a psicologia cultural histórica estavam sempre centrados na atuação da psicologia escolar e seus desdobramentos, assim como a psicologia do desenvolvimento e pesquisas em psicologia social. De alguma forma, o foco demasiado em produções sobre educação e desenvolvimento limitou as produções sobre um saber clínico a partir desse referencial. Além disso, é um forte indicador do aspecto da especialização de uma teoria em psicologia, assim como no saber médico. Ao longo desta discussão, partirei do princípio de que as teorias são sistemas vivos, e seus recursos devem servir como instrumentos de reflexão dos fenômenos humanos, sejam eles sociais ou individuais. Essa compreensão do que é teoria, inclusive, é um dos principais motores dessa discussão.

Para além do que foi suscitado até o momento ao longo desta introdução, vale destacar que a compreensão de psicoterapia está para além das teorias que, ao longo da história da psicologia, se destacaram na elaboração desse campo e passaram a ser consideradas como “clássicas”. Isso quer dizer que não existem teorias mais ou menos adequadas para se atuar na prática clínica. o que devemos considerar é a forma como o psicólogo se apropria dos recursos das teorias para viabilizar diferentes formas de significação a partir da relação que se estabelece com o paciente.

Considero como fundamental, ainda nesse momento introdutório, identificar que nosso referencial teórico que dá forma a essa via de produção de conhecimento pela pesquisa qualitativa caminha na direção oposta ao silenciamento das subjetividades. Ao contrário, fazemos o caminho de trazer à tona a centralidade dos processos subjetivos e da emocionalidade como

fontes de produção do saber científico. Assim sendo, a teoria passa a ser pano de fundo da atuação do psicólogo nos mais diversos espaços e não apenas um acessório que vem a ser usado a

dependem do momento, como é visto na fala e na prática dos profissionais das ciências humanas e sociais na qual a psicologia participa.

Por fim, o presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa orientada pelo referencial teórico da Teoria da Subjetividade elaborada por González Rey (1997;2005;2017). Todo desenvolvimento empírico desta pesquisa aconteceu em um consultório de psicologia com uma das minhas pacientes, ou seja, toda análise e construção da informação perpassa o processo dessa pessoa em psicoterapia e também da minha atuação enquanto psicoterapeuta. Isso se torna possível pela compreensão que o desenvolvimento pessoal dessa pessoa também transversaliza o meu próprio desenvolvimento como psicoterapeuta. Assim sendo, o conceito de psicoterapeuta-pesquisador se apresenta de forma direta na relação que se estabelece com a minha paciente e na forma como isso acaba dando forma a uma vontade de pensar a psicoterapia como um campo rico de produção do saber científico.

## **2. Justificativa e objetivos**

Esta pesquisa justifica-se por dar visibilidade a uma forma de compreensão de processos da psicoterapia por meio da Teoria da Subjetividade, que tem seu valor heurístico na compreensão do humano a partir da ideia de processo e da lógica configuracional, esses conceitos serão explorados e explicados no decorrer do trabalho. Esta abordagem pretende, assim, viabilizar o conceito do psicoterapeuta-pesquisador, corroborando com a ideia de que prática e pesquisa são processos que se constituem mutuamente. Pretende, igualmente, destacar a importância do diálogo como recurso fundamental para a epistemologia qualitativa e para o método construtivo-interpretativo.

Considero também importante pensar a forma como mais produções sobre psicoterapia evidenciam, neste momento, um espaço privilegiado para a produção de conhecimento em

psicologia, uma vez que o diálogo psicoterapêutico permite produzir sobre a subjetividade da pessoa em psicoterapia e também sobre processos da subjetividade social, que tomam forma ao longo de todo o processo construtivo-interpretativo que acontece na clínica.

**Objetivo geral:** Discutir momentos de diálogo de um psicoterapeuta que se orienta com base na Teoria da Subjetividade.

**Objetivos específicos:**

- 1) Exemplificar, por meio de um estudo de caso, o caminho pelo qual toma forma a atuação do psicoterapeuta que se fundamenta nesse referencial.
- 2) Explicitar como a configuração subjetiva da teoria, como recurso de sensibilidade e pensamento é o alicerce da prática clínica.

**3. Psicoterapeuta-pesquisador: compreendendo prática e pesquisa como processo** O termo psicoterapeuta-pesquisador é utilizado no momento em que analisamos como os conceitos da Teoria da Subjetividade tomam forma na pesquisa e na prática profissional, de modo que o engajamento e a produção criativa do pesquisador sempre têm seu norte no objetivo da pesquisa e de uma prática profissional teoricamente orientada. É fundamental superar a dicotomização prática e pesquisa, teoria e prática dentro de uma pesquisa que tem como temática central investigar como acontece a psicoterapia, a partir da Teoria da Subjetividade. Portanto, nesse momento, vamos explorar de que forma compreendemos prática e pesquisa como processos que se constituem mutuamente. (Mori, 2019)

Ao nos colocarmos em posicionamento crítico em relação à dicotomização teoria e prática, também cabe pensar a forma como as teorias que tradicionalmente estudam psicoterapia

são ensinadas na universidade como modelos com recursos prontos e que já respondem a todas as questões do ser humano. A Teoria da Subjetividade privilegia a qualidade do diálogo e o engajamento da expressão da pessoa em psicoterapia. O foco não está centrado no saber do psicólogo, mas na forma como, naquele diálogo, emergem possibilidades para a expressão da pessoa diferenciada de modelos predeterminados de ação do profissional.

Mori (2019), explicita um ponto presente nas representações sobre a teoria e prática quando pontua algo que ouvimos de forma recorrente: não se pode clinicar pela Teoria da Subjetividade pela falta de produção teórica deste referencial para esse recorte da atuação do psicólogo. Existe aqui um aspecto cada vez mais presente nas demandas por psicoterapia, a meu ver, que é uma demanda da especialização do psicólogo para um tipo específico de problema. O mesmo acontece com a teoria, isto é, não é valorizada uma produção que discute saúde em diferentes contextos. As teorias precisam ser instrumentos para significar o mundo, e não acessórios para a especialização e hierarquização do saber sobre o humano.

Neste sentido, o desenvolvimento da Teoria da Subjetividade como recurso para pensar processos humanos não buscou o desenvolvimento de categorias universais externas à pessoa. Se partirmos de referenciais teóricos como a análise do comportamento ou a psicanálise, temos exemplos de teorias clássicas para a discussão da psicoterapia que, ao longo do tempo, desenvolveram uma série de conceitos universalizadores dos processos humanos individuais. Em análise do comportamento, a simplificação de todas as dimensões da vida para o conceito de “comportamento” e a negação de processos psíquicos de natureza inconsciente determina a forma como os psicoterapeutas que atuam por esse referencial se relacionam com as discussões que embasam suas práticas clínicas. O oposto acontece na psicanálise, a base é a categoria do inconsciente que norteia a compreensão da pessoa e não necessariamente universaliza a compreensão singular da pessoa, visto que cada pessoa desenvolve, em análise, uma relação com

seu universo inconsciente. Ao mesmo tempo, quando Freud elabora a respeito do conceito de pulsão, a compreensão possível é que essa categoria se configura da mesma forma em todas as pessoas, principalmente se considerarmos que em sua base está a ideia de “energia” sexual (Freud, 2016). É importante considerar a maneira como as teorias ganham forma a partir do contexto histórico em que estão situadas. Hoje, em uma discussão mais moderna da psicanálise, percebemos que os autores buscam discussões para além do que foi proposto pelo próprio Freud, rompendo com ideias que poderiam ser compreendidas como homogeneizantes de desenvolvimentos singulares. (Forbes, 2014; Fink, 2018; Birman, 2016)

A ideia aqui não é promover uma crítica vazia à psicanálise, ao contrário, reconheço a importância da forma que Freud, no momento que fundamenta o conceito de inconsciente, promove uma virada epistemológica na concepção de humano. Gerar um conceito que possibilita pensar a diversidade do aparato psíquico para além do que é apenas observável viabilizou uma diversidade de outras discussões. Inclusive a discussão sobre subjetividade que fazemos neste trabalho.

A Teoria da Subjetividade, a partir da compreensão de lógica configuracional, considera que existem processos para além do que se tem consciência, porém não são questões inconscientes que desenvolvem transtornos mentais ou ocasionam momentos de sofrimento. Em nossa compreensão o sofrimento, ou a ideia de transtorno, estão sempre atrelados à incapacidade de produção de novos sentidos subjetivos frente a uma situação. Da mesma forma isso se relaciona de forma íntima com a concepção de saúde que está presente em nossa discussão. Saúde para a Teoria da Subjetividade está na qualidade do processo que se estabelece em um momento de vida e não da ideia de ausência de doença, como ainda defende o modelo biomédico. Enquanto psicoterapeuta, essa noção atua como um norte para “olhar” para a pessoa, tirar o foco do processo de adoecimento psíquico e pensar na forma como outras áreas da vida da pessoa

também podem ser núcleo gerador de sentidos subjetivos que emergem em direção à saúde e ao avanço sobre situações que inviabilizem a produção de novos sentidos. (Mori, 2012) A Teoria da Subjetividade está centrada na configuração processual dos fenômenos humanos. Assim, a psicoterapia busca compreender como diferentes configurações subjetivas se organizam, de forma dinâmica, na experiência da pessoa, e como seus desdobramentos tomam forma nos mais diferentes momentos da vida.

A dinâmica em que se organiza a experiência humana na nossa compreensão de subjetividade, acontece a partir das configurações subjetivas que não são categorias predefinidas para encaixar a forma como as pessoas subjetivam o mundo. A configuração subjetiva é uma categoria que permite compreender seus núcleos como geradores de fluxos de sentido subjetivo e a processualidade da constituição do vivido. Ou seja, não existe uma configuração subjetiva do trabalho que seja igual mesmo com pessoas que dividam o mesmo contexto institucional, pois a experiência e a produção de cada um são singulares. Esse deve ser um norte para a nossa atuação profissional orientada teoricamente pela Teoria da Subjetividade. O **psicoterapeuta-pesquisador** deve manter uma tensão entre a teoria e as informações, tendo em seu centro sua atividade construtiva-interpretativa.

A configuração subjetiva também não pode ser compreendida como fonte ou motivo do comportamento humano (Neubern, 2010). Uma pessoa que configura subjetivamente experiências negativas com emoções que inviabilizam a produção de sentidos qualitativamente diferentes, com figuras de autoridade, pode passar a compreender que todos os momentos com um chefe sejam da mesma forma como foram no passado, mobilizando uma emocionalidade que pode afastar a pessoa do trabalho, por exemplo. Não necessariamente, essa pessoa irá se comportar externamente como se aquele fosse um momento terrível. O que ela expõe para o outro pode não ser necessariamente o que ela experienciava naquele momento, mas isso não muda a

forma como ela configura a experiência com figuras de autoridade, que pode estar vinculada ao modo como ela subjetivou uma infância em que tinha nas autoridades pessoas que geravam nela emoções contraditórias.

Temos que considerar que as configurações subjetivas compreendidas como categoria, ao mesmo tempo que são mais estáveis que os sentidos subjetivos, ainda são instâncias dinâmicas que podem se modificar na tensão entre a subjetividade social e individual. É nesse momento de tensão que se propicia a possibilidade de mudança. O psicoterapeuta-pesquisador deve atuar questionando a pessoa em psicoterapia sobre a constituição das relações dela com a autoridade, por exemplo. A expressão da pessoa nesse diálogo dá informações para que o psicoterapeuta-pesquisador produza indicadores, hipóteses sobre os sentidos subjetivos que ali emergem, as configurações subjetivas implicadas naquele contexto e os processos emocionais envolvidos.

**4. Método e Epistemologia: caracterizando uma forma de compreender Subjetividade A** presente pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, produzida a partir da epistemologia qualitativa e do método construtivo-interpretativo, ambos elaborados e difundidos ao longo da obra de González Rey. O autor, em suas produções, sempre destacou a importância da compreensão de epistemologia, teoria e método para o desenvolvimento e avanço da pesquisa qualitativa em psicologia. Seguindo essa forma de pensamento, este capítulo dedica-se a contemplar o desenvolvimento da epistemologia qualitativa e seus principais desdobramentos conceituais, como proposta de estudo da subjetividade.

A epistemologia qualitativa surge como uma crítica e uma possibilidade às tendências metodológicas em pesquisa qualitativa com modelos formais presentes no método científico. González Rey (2017) destaca que, ao longo das décadas de 1980 e 1990, ocorreu uma emergência

de metodologias para a pesquisa qualitativa que eram tão replicáveis quanto estudos quantitativos. Eram reflexos embutidos de caráter metodológico e sem uma reflexão epistemológica, quando, na realidade, o que diferencia a pesquisa qualitativa da pesquisa quantitativa não é apenas o método, são as formas de se produzir conhecimento epistemologicamente diferentes, em especial se considerarmos a singularidade como pilar de produção do conhecimento científico, como é destacado em meu aporte teórico.

O autor ainda evidencia que alguns pesquisadores foram fundamentais para a problematização da pesquisa qualitativa naquele período, como Allport, Dembo, Glasser e Strauss, Kurt Lewin (citados em González Rey, 2017). Foram autores que destacaram formas diferentes de produção de conhecimento na psicologia, tendências opostas ao modelo biomédico e pautadas no que era apenas observável e passível de ser resolvido, deixando de lado o caráter complexo e multideterminado do humano.

Nesse sentido, o termo “epistemologia qualitativa” surge como uma crítica ao termo “pesquisa qualitativa”, utilizado sem consistência epistemológica e de forma instrumental que, de alguma maneira, validava a metodologia da pesquisa. O foco era a replicação do método, das técnicas e dos instrumentos, a teoria tinha seu valor na aplicabilidade e não na capacidade de gerar inteligibilidade sobre os processos humanos.

Desse modo, desde a primeira publicação (González Rey, 1997), a epistemologia qualitativa destaca um caráter diferente da subjetividade como tratada na filosofia moderna. A categoria teórica da subjetividade deixava de ser vista à margem para se tornar protagonista de uma das formas de produção de saber em psicologia, não a partir de uma discussão apenas da metodologia aplicável, mas como uma forma de complexificar a compreensão de como se configuram processos humanos. (González Rey, 2002; 2017)

#### **4.1 Princípios fundamentais para compreensão da Epistemologia Qualitativa.** Antes dos três

princípios que fundamentam a epistemologia qualitativa, é relevante pensar nas reflexões do lugar da teoria na pesquisa qualitativa. Considerar a pesquisa qualitativa como um modelo essencial para a produção do conhecimento a partir do momento que tais modelos possibilitam o estudo de sistemas humanos que não podem ser acessados de forma direta, como a organização de processos culturais, por exemplo. A teoria, a partir desta perspectiva, passa a ser definida como um conjunto de representações capaz de articular diferentes categorias entre si e de gerar inteligibilidade sobre o que se pretende conhecer da pesquisa científica. A pesquisa passa a ser, então, mais do que apenas um momento empírico de investigação e passa a ser compreendida em uma dinâmica processual de integração do pesquisador com o espaço pesquisado. A partir daí, os três princípios que consolidam uma epistemologia para o estudo da subjetividade, devem se articular para tal compreensão. (Gallert et al, 2011; González Rey, 2005; González Rey, 2001)

As reflexões do autor levam a três princípios fundamentais para o desenvolvimento de uma epistemologia qualitativa para o estudo da subjetividade: 1) o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento; 2) o valor do singular como fonte de produção do conhecimento científico e 3) a compreensão da pesquisa como um processo de comunicação, um processo dialógico.

O caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, que inclusive dá nome ao método em que baseio o presente trabalho, parte do princípio de que o conhecimento não é uma apropriação pura ou linear da realidade. A partir dele, considera-se o conhecimento como uma produção humana que tem capacidade de produzir zonas de sentido sobre um determinado fenômeno estudado. Isto vai na direção oposta de tentar compreender a realidade de forma acrítica, a partir de categorias universais. Sendo assim, o conhecimento não é algo imediato e

intencional. Configura-se como “um processo de construção que encontra sua legitimidade na capacidade de produzir, permanentemente, novas construções do curso de confrontação do

pensamento do pesquisador com a multiplicidade de eventos empíricos coexistentes no processo investigativo" (González Rey, 2005). É interessante destacar que todo o aporte teórico da Teoria da Subjetividade sempre considera o pesquisador com pensamento em constante atividade, ou seja, a busca por um conhecimento construtivo-interpretativo representa a importância da tensão entre o momento empírico e a teoria.

González Rey (2005) considera que o que possibilita fundamentar a Epistemologia Qualitativa para o desenvolvimento de uma forma diferente de metodologia qualitativa é, justamente, a articulação entre o conhecimento construtivo-interpretativo e a valorização do singular como fonte de produção do conhecimento científico. Legitimar o singular como fonte de produção do conhecimento científico implica em reconhecer o momento da pesquisa como um momento de produção teórica, compreendendo o teórico como a produção constante de zonas de inteligibilidade que permitam explorar o problema ao qual se propõe determinada pesquisa. Aqui o foco de uma pesquisa não está em um conjunto de informações que possam ser aplicadas de forma instrumental, mas, na forma em que aquelas informações permitem ao pesquisador discutir novas zonas de sentido.

O terceiro princípio considera que a comunicação é uma via privilegiada para investigação de processos psicológicos e para produção dos sentidos e das configurações subjetivas. O diálogo permite conhecer a forma como a história de alguém se entrelaça na formação do que está sendo, naquele momento, tensionado pelo diálogo. Neste sentido, a comunicação deve ser concebida para além do momento da pesquisa, como um momento em que a pessoa tem a possibilidade de se inspirar em diferentes expressões simbólicas que servirão como âncora para o estudo da subjetividade.

Sendo assim, uma prática profissional ancorada na Teoria da Subjetividade preza por um cenário social de pesquisa favorável ao diálogo. Seja esse espaço, a clínica, a escola, o hospital

ou o esporte, o profissional deve buscar as melhores formas que os atores sociais dos espaços em que ele atua consigam se expressar. Esse modo de orientação proposto pela Teoria da Subjetividade vai além de uma epistemologia da resposta em que as perguntas estão prontas e o trabalho se torna apenas uma checagem do que foi pontuado pelo participante. Estes três princípios, como orientadores da prática profissional, possibilitam um olhar para além do objetivo e da resposta pronta. É um aporte que valoriza a criatividade e a integração do profissional com o paciente, sua história e o contexto.

Dessa forma a Teoria da Subjetividade compreende a pessoa como núcleo gerador de sentido e significação dos mais diversos processos humanos imersos em um recorte histórico cultural, trazendo para centralidade da discussão a emocionalidade, a relação e a dialogicidade como vias fundamentais para estudar subjetividade.

#### **4.2 O Método Construtivo-Interpretativo e os processos de Construção da Informação O**

método construtivo-interpretativo foi desenvolvido como uma possibilidade para o estudo da subjetividade ancorado nos princípios norteadores da teoria, considerando, em especial, a produção do conhecimento na sua dimensão processual, construtiva e interpretativa, que tem em seu centro a atividade empírica e relacional do pesquisador no campo estudado. Considerando o método construtivo-interpretativo como parte indissociável da epistemologia que fundamenta a Teoria da Subjetividade, torna-se relevante pontuar quais são as implicações para a pesquisa qualitativa de uma definição ontológica de subjetividade.

##### **4.2.1 *Setting* terapêutico # cenário social da pesquisa**

22

A partir dos pressupostos teóricos da Teoria da Subjetividade a ideia de um *setting*, um espaço específico para o momento da psicoterapia ou da pesquisa, torna-se descentralizado. A partir daí é possível ampliar a concepção de “onde”, que diz respeito a qual espaço seria adequado

ou não para se fazer psicoterapia ou se fazer pesquisa. A ideia descentralizada do espaço possibilita ao psicoterapeuta-pesquisador romper com o conceito de que o espaço da psicoterapia é fechado entre quatro paredes, tornando possível pensar-se em novos espaços de expressão da pessoa que compartilha aquele momento dialógico com ele.

A imposição do distanciamento social causada pela pandemia de COVID- 19 nos últimos dois anos obrigou que nós, psicoterapeutas, ficassemos engajados na continuidade do processo de nossos pacientes mesmo à distância. A possibilidade da psicoterapia online rompe com o *setting* e cria situações em que o sigilo do que é falado na terapia poderia ser rompido a qualquer momento a depender do tipo de espaço que o paciente escolhesse para a sessão.

Ao mesmo tempo, possibilitou que tivéssemos acesso a pessoas geograficamente distantes de nossos consultórios, residentes de outras cidades e até países. Foi interessante perceber como, com esses pacientes, estava em jogo, no momento da sessão, uma subjetividade social muitas vezes distante do contexto do psicoterapeuta.

Lembro-me de uma paciente, residente na cidade de São Paulo que, por diversas vezes, realizou a terapia no carro a caminho de casa, por que o trânsito não permitia que ela chegasse em casa a tempo de realizar a chamada de uma forma mais confortável. No início, eu, residente em Brasília, não entendia a forma como o trânsito poderia ser um impeditivo para a sessão. O fato é que o trânsito faz parte da vida e da relação das pessoas daquele espaço com o seu tempo. O que é possível se fazer durante o trânsito, é feito.

Nesse sentido compreendemos que não existe necessariamente a necessidade de espaço físico para o processo psicoterapêutico, mas, é fundamental, a partir da Teoria da Subjetividade,

23

compreender a centralidade do diálogo como instrumento fundamental do processo terapêutico. Isso vai de encontro, inclusive, com os princípios da Teoria da Subjetividade que colocam a expressão da pessoa e a relação que se estabelece como primordiais para o desenvolvimento de

uma pesquisa. O mesmo acontece na psicoterapia.

Sendo assim, acredito que a melhor forma de pensar um espaço para produção de conhecimento em psicoterapia seria ampliar a visão de um *setting* terapêutico para o cenário social de pesquisa ou para múltiplas possibilidades de contextos terapêuticos. González Rey e Mitjans Martínez (2017) defendem que o cenário social da pesquisa não se define por um momento específico ou por um momento explicativo em relação aos procedimentos que serão realizados pelo psicoterapeuta-pesquisador.

#### **4.2.2 Informações, indicadores e hipóteses**

Quando compreendemos a centralidade da criatividade do psicoterapeuta-pesquisador no uso dos instrumentos como ferramentas com potencial de engajar a pessoa no curso da conversação, entendemos que o diálogo tem o objetivo de conduzir a pessoa a campos significativos de expressão de sua vivência. Envolver a pessoa em um momento de diálogo possibilita analisar os múltiplos sentidos subjetivos envolvidos na experiência estudada.

Os sentidos subjetivos que emergem da construção do pesquisador no curso do diálogo permitem a produção e a interpretação dos diferentes espaços que compõem a subjetividade da pessoa estudada. Neste sentido, a subjetividade é a organização dinâmica da unidade simbólico-emocional que se expressa na vida da pessoa. A interpretação das informações e a produção hipotética dos sentidos subjetivos e das configurações subjetivas são os alicerces para fundamentar a produção de mais uma etapa que compõe o processo de análise e construção das informações, os indicadores.

Os indicadores são produções do pesquisador que se articulam ao longo do processo de construção de informação. Essa articulação deve apoiar-se em diversos aspectos qualitativos da expressão da pessoa no curso da conversação. Sendo assim, não existem regras, *a priori*, para a

produção de um indicador, ele não é crucial para o curso da pesquisa. Funciona como uma conjectura e pode ser articulado com outros indicadores, ganhando força como gerador e integrador de ideias ou não sendo considerado para a continuidade das elaborações teóricas. Dessa forma o indicador nunca é uma definição isolada, a abertura de um deve remeter à produção de outros. (González Rey e Mitjás Martínez, 2017)

O fato de a produção dos indicadores ser multideterminada, tanto pelas expressões da pessoa quanto pela forma como o pesquisador, significa o modo como aquilo aparece na lógica interpretativa. Dois fatores são fundamentais quando pensamos na produção de indicadores na prática clínica, assim como na pesquisa. O primeiro seria considerar como impossível que a prática clínica ocorra dissociada da teoria. O percurso do diálogo na clínica deve permitir que o psicoterapeuta-pesquisador faça, ao longo dos encontros com a pessoa, uma trilha de indicadores no mesmo sentido em que ocorrem as produções de pesquisa. Entendo que isso acontece na verdade a todo momento que questionamos nossos pacientes sobre algo, seja sobre o sentimento envolvido naquele relato, seja quando pontuamos palavras específicas, isso dá corpo e forma para o diálogo teoricamente orientado na clínica. O segundo ponto que fala tanto sobre a teoria quanto sobre a prática profissional, é o fato de o referencial adotado aqui exigir que o psicoterapeuta-pesquisador traga para a prática profissional a criatividade, mas que não se perca no mar de possibilidades na produção dos indicadores. Os indicadores, da mesma forma que nossos questionamentos, recursos escritos, desenhos, colagens, etc., não “aparecem” no curso do nosso trabalho, é necessário estar engajado no diálogo com o outro para ser sensível àquele momento e entender o que, talvez, esteja por trás daquela expressão. Isso ancora a ideia de uma

25

prática investigativa, de querer saber, pedir para explicar, tudo isso permite a produção de novas zonas de sentido aconteça e, a partir das reflexões que surgem, novas configurações subjetivas sobre as demandas também possam surgir. (Mitjás Martínez, 2014)

Trago um exemplo da prática clínica que elucidada o que estou estruturando teoricamente a partir do que foi dito nos parágrafos acima. Vamos supor que uma paciente engajada no processo terapêutico comece a se sentir resistente a falar, algo que até o momento ela não tinha experimentado. Para além de investigar os motivos que podem ter tornado a expressão da paciente mais difícil, é trabalho do psicoterapeuta utilizar recursos não verbais que possibilitem o diálogo. Os indutores de determinados assuntos não consistem apenas na vontade da paciente de falar ou na vontade do terapeuta de elaborar as perguntas e pontuações. Na Teoria da Subjetividade, usamos o complemento de frases como o principal instrumento escrito. Além desse, jogos, desenho, colagem e diálogo mediado por imagens são exemplos de recursos que podem ser empregados como facilitadores daquele momento de conversação.

Fora o complemento de frases, que foi desenvolvido com o intuito de compor os instrumentos do método construtivo-interpretativo, as outras técnicas citadas no parágrafo anterior podem ser utilizadas em qualquer abordagem, para diferentes finalidades, o que muda é a forma como interpretamos a expressão da pessoa em cada recurso. Por exemplo, se dentro de uma sessão o psicoterapeuta percebe que o paciente tem dificuldade em se expressar, a proposta do complemento de frases como instrumento escrito que dê abertura para o diálogo pode ser uma boa alternativa. Mas, como interpretamos o que vem do complemento de frases durante a sessão? A partir da Teoria da Subjetividade compreendemos que os indutores do complemento de frases proporcionam uma expressão diferenciada por meio da escrita, novas zonas de sentido passam a fazer parte daquele momento dialógico. Isso possibilita que o psicoterapeuta passe a formular novas perguntas, e as informações que passam a ser elaboradas dão forma e esse tecido dialógico

que passa a ser produzido no momento da psicoterapia. É um trabalho singular a partir do momento que compreendemos que as categorias da Teoria da Subjetividade não se propõem a universalizar processos humanos, mas a compreender a forma como eles se configuram ao longo

do tempo. Nesse sentido, o que diferencia a compreensão da Teoria da Subjetividade sobre esse e outros recursos que podem ser usados em psicoterapia é, justamente, a compreensão processual e configuracional da expressão dialógica em psicoterapia. O foco deixa de ser na possibilidade de enquadrar comportamentos como funcionais ou disfuncionais, e passa a ser na compreensão multideterminada do que mobiliza emocionalmente a pessoa a trazer determinados assuntos com mais ou menos ênfase, em entender a historicidade e as dimensões da vida que trouxeram a pessoa a falar daquela questão naquele momento.

Sinto que a utilização de recursos imagéticos e desenhos no processo de psicoterapia facilita e amplia o desenvolvimento de zonas de sentido, possibilitando que o paciente alcance novas reflexões. Isso acontece pelo fato de estarmos imersos em imagens o tempo todo. Esse recurso, em vários momentos, tem tomado o lugar da palavra e da fala, compõe o nosso universo subjetivo e permite que elementos da cultura passem a fazer parte das nossas vivências. Em outros contextos, e também na pesquisa, as imagens podem ser utilizadas para mediar um momento conversacional programado, como uma entrevista, ou para conversar com uma criança sobre seu contexto escolar. Mesmo que diversas, as funções de outros recursos, como imagens e desenhos, podem ser utilizadas na pesquisa para mediar uma entrevista, e o desenho para facilitar a expressão da criança no curso de uma conversa. São recursos potentes, inclusive, para que a pessoa se sinta mais à vontade para falar sobre temáticas que tem dificuldade. Viabilizar alguma “ludicidade” na psicoterapia, inclusive de adultos, pode ser um recurso interessante de acesso a novas formas de expressão da pessoa. (Campolina, 2007; Bezerra, 2019; Madureira, 2017)

27

#### **4.2.3 Subjetividade, sentidos subjetivos e configurações subjetivas: compreendendo núcleos geradores de subjetividades**

Nesta perspectiva, então, a subjetividade deixa de ser compreendida à margem dos processos psicológicos ou da reificação da ideia de interno, individual. A subjetividade torna-se

uma categoria explicativa para processos humanos. É diferente de psique ou processos psíquicos, por ser considerada uma instância singular, ou seja, a subjetividade não é "uma" coisa comum a todos, cada pessoa produz subjetivamente de acordo com o vivido.

Assim, esta perspectiva teórica e epistemológica não tende a buscar categorias universais e determinações para o comportamento humano, tampouco estabelecer relações de causalidade para explicações de comportamento. A busca por explicações simples para problemas complexos não combina com a lógica configuracional dos fenômenos humanos na qual opera a Teoria da Subjetividade. Aqui a teoria vem a ser compreendida como um recurso sistemático de pensamento sobre as práticas humanas. A lógica configuracional exclui o determinismo e abre caminho para processos explicativos a nível individual e social, com base na emergência da dimensão simbólica dos agentes envolvidos na compreensão de uma questão. (González Rey, 2002)

Subjetividade, de acordo com o autor, vem a ser compreendida como um sistema simbólico-emocional orientado à criação de uma realidade peculiarmente humana, a cultura, da qual a subjetividade é condição de seu desenvolvimento e dentro da qual tem sua própria gênese socialmente institucionalizada e historicamente situada. É uma instância inseparável do mundo simbólico da cultura, não pode ser reduzida à linguagem, nem ao texto, nem ao discurso. A subjetividade atravessa todas essas camadas de forma simbólica e processual, em que as produções geradas socialmente se configuram subjetivamente nas experiências individuais e na vida social. (González Rey e Mitjans Martínez, 2017)

28

Neste sentido, a subjetividade se organiza como uma configuração complexa de sentidos subjetivos que acontece no fluxo dos processos simbólicos e emocionais que caminham junto com uma nova qualidade, diferente de todos os processos em sua gênese. As unidades simbólico-emocionais especificam o caráter ontológico da espécie humana. (González Rey, 2016)

Aqui torna-se importante reafirmar que uma teoria é um sistema vivo e dinâmico, que caminha em tensão com o que já foi produzido e o que a tensão do momento presente demanda do profissional ou do pesquisador. Como foi pontuado anteriormente a Teoria da Subjetividade é um sistema de pensamento dos fenômenos humanos, as categorias explicativas, os conceitos dentro desse modelo teórico-epistemológico fazem sentido com a proposta de serem considerados recursos capazes de gerar inteligibilidade sobre determinado conjunto de informações. São conceitos que só tomam forma na pesquisa ou na prática profissional por meio da produção de ideias do **psicoterapeuta-pesquisador**.

Os processos simbólico-emocionais são gerados pelas pessoas em tensão com a cultura, o que significa que o que é produzido pela subjetividade social está imbricado na forma como a pessoa subjetiva e tensiona as experiências no mundo. O simbólico-emocional é intrínseco de todo processo subjetivo, representa a unidade dos sentidos subjetivos e também a própria subjetividade que se configura de maneira simbólica-emocional no pensamento, imaginação e ação. Da mesma forma que os sentidos subjetivos, as configurações subjetivas não representam conteúdos universais, ou seja, levam em conta a singularidade do processo pesquisado, permitindo construções específicas sobre um determinado problema estudado com base na noção de subjetividade.

De forma mais específica, os **sentidos subjetivos** são unidades simbólico-emocionais que representam a direção de um fluxo diverso de sentimentos e emoções que emergem no decorrer da vivência de uma pessoa. Apresentam-se em diversas dimensões simbólicas e expressam-se no

29

estado emocional da pessoa ao viver aquele momento. Um único momento, ou acontecimento, pode produzir uma diversidade de sentidos subjetivos, que podem ser convergentes ou totalmente contraditórios.

Da mesma forma que a compreensão de subjetividade, os sentidos subjetivos têm seu

valor teórico por viabilizarem uma compreensão plástica dos processos humanos. Nesse sentido, o comportamento ou estado emocional da pessoa deixa de lado uma perspectiva causal, dando lugar à plurideterminação dos fenômenos humanos, nesse caso, da subjetividade. É relevante ressaltar que a interpretação do que são os sentidos subjetivos em qualquer contexto depende justamente de quem o interpreta. De toda forma, essa categoria não se define de forma estrutural ou fixa, ela depende do momento, do tipo da expressão e da emocionalidade envolvida naquele momento. No curso de uma pesquisa ou de uma psicoterapia, os sentidos subjetivos podem “aparecer”, por exemplo, como indicadores de um estado emocional que mobiliza a pessoa para que aquela vivência seja experimentada de determinada forma.

Ao longo do curso das experiências da vida, os sentidos subjetivos organizam-se em núcleos geradores de outros sentidos, que são mobilizados por diferentes dimensões que compõem determinados momentos da nossa vida. Essa organização de sentidos subjetivos, as configurações subjetivas, não possuem uma organização temporal, permitindo um entendimento de um fluxo que acontece entre passado, presente e futuro. Também não cabe às configurações subjetivas o papel de previsão ou determinação do comportamento. Essa organização, na verdade, gira quando se torna núcleo gerador de novos sentidos subjetivos, de forma integrada com as múltiplas possibilidades dentro das dimensões da vida.

Assim sendo, entende-se que determinados sentidos subjetivos convergentes agrupam-se para formar uma configuração subjetiva sobre determinada área da vida. Contudo, as configurações não são agrupamentos estáveis, elas são organizações dinâmicas e uma alimenta

30

produções da outra, permitindo uma compreensão das vivências da pessoa, de forma que sentimentos que são considerados dissonantes em determinado momento podem estar sendo alimentados por uma dinâmica configuracional totalmente diferente do momento experienciado. Nesta lógica, González Rey e Mitjans Martínez (2017) elucidam que “os sentidos subjetivos e as

configurações subjetivas não são gerados como reflexo ou epifenômenos das realidades discursivas nas quais diversas construções simbólicas sociais transitam”(p.65), são categorias que encontram seu valor heurístico quando expressam a singularidade das produções subjetivas, tanto a nível social quanto individual.

Em um primeiro nível de análise, subjetividade social e individual são processos dinâmicos que têm uma diferenciação apenas em termos didáticos. São dimensões da vida, do tempo e da experiência que se configuram mutuamente nas pessoas e nos espaços sociais compartilhados e que fazem sentido nas diferentes expressões da cultura. Como descrito acima, o que possibilita estudar e gerar sentido sobre o que compreendemos como subjetividade passa por uma epistemologia, um método e categorias explicativas para esse fenômeno.

Dentro da perspectiva presente neste trabalho, González Rey e Mitjans Martínez (2017), definem a categoria subjetividade como “uma produção qualitativamente diferenciada dos seres humanos, dentro das condições sociais, culturais e historicamente situadas em que vivemos”. A Teoria da Subjetividade não busca encontrar uma ou mais categorias universais que expliquem o motivo pelo qual as pessoas fazem o que fazem, mas busca compreender a forma como comportamentos, emoções, movimentos sociais e tomadas de iniciativa configuram-se na vida das pessoas e de grupos sociais. Essa categoria permite uma compreensão crítica de processos que normatizam o comportamento e a expressão das pessoas na escola, na clínica, nos contextos de saúde mental, sempre colocando para discussão as possibilidades do trabalho do psicólogo

31

diante de práticas que não valorizam a singularidade. (González Rey e Mitjans Martínez, 2017; González Rey, Goulart & Bezerra, 2016; Rossato e Mitjans Martínez, 2013)

### **4.3 Instrumentos de pesquisa**

A centralidade da ideia de romper com o paradigma estímulo-resposta dentro de nossas

elaborações teóricas possibilitou a compreensão dos instrumentos da pesquisa a partir da necessidade do pesquisador em seu curso. Isso quer dizer que os instrumentos de pesquisa não são definidos previamente, eles caminham e se consolidam na medida em que os sistemas conversacionais do campo pesquisado passam a se desdobrar em elaborações do pesquisador sobre o campo. Desta forma, em cada momento da pesquisa o instrumento pode mudar a fim de valorizar uma expressão cada vez mais autêntica dos sujeitos engajados naquele momento de diálogo.

Se pensarmos na prática clínica, o uso dos instrumentos funciona da mesma forma. A sensibilidade e o engajamento do psicoterapeuta no momento da sessão devem orientar sua prática, seja ela com perguntas exploratórias, pontuações mais diretas, uso de recursos escritos como o complemento de frases e até mesmo outros recursos para a expressão da pessoa, como, por exemplo, o desenho. Esta prática deve alimentar as intervenções em psicoterapia e, ao mesmo tempo, dar recursos para que o psicoterapeuta conheça de forma singular a maneira como cada um de seus pacientes prefere se expressar.

González Rey (2005) evidencia que “instrumentos diferentes permitem descentrar o sujeito dos sentidos subjetivos manifestados diante de cada instrumento, oferecendo opções de novos momentos de produção de sentido que incentivam o desenvolvimento de novas informações, em um processo que tende ao infinito”. Desta forma, o autor chama a atenção para

32

que o uso dos instrumentos, além de favorecer a expressão da pessoa, consista em uma postura ativa e criativa do psicoterapeuta-pesquisador.

Além disso, é importante relacionar aqui o terceiro princípio fundamental para o desenvolvimento da epistemologia qualitativa, a valorização do singular para a produção do conhecimento científico. A partir desta visão que se estabelece sobre a não definição, *a priori*, do uso dos instrumentos o psicoterapeuta-pesquisador tem a chance de, a partir do vínculo que se

estabelece com o paciente-participante, definir os instrumentos que melhor favoreçam a expressão da pessoa dentro de um processo de comunicação estabelecido naquela relação. A centralidade dessa ideia possibilita, então, compreender os instrumentos da pesquisa como indutores do diálogo, capazes de múltiplos desdobramentos conversacionais.

#### **4.4 Caracterizando a compreensão de psicoterapia a partir da Teoria da Subjetividade**

Como pontuado em momentos anteriores desse trabalho, a psicoterapia é um dos campos de pesquisa mais tradicionais em psicologia. Contudo a hegemonia de determinadas teorias, como: psicanálise, behaviorismo radical, humanismo, gestalt terapia, dominaram essa temática. Isso possibilitou que no processo de formação em psicologia fizesse parte da subjetividade social a compreensão de que nenhuma outra teoria poderia fundamentar a prática clínica da mesma forma que as que já estão no campo e por isso são chamadas de clássicas.

É interessante então pontuar inicialmente que todo preciosismo que temos na descrição da epistemologia qualitativa, do método construtivo-interpretativo que fundamenta uma forma de estudo sobre a subjetividade, também vem de uma tentativa constante de conquistar espaço na produção do saber científico de uma forma qualitativamente diferente do “clássico”. Nossa compreensão de teoria consiste em desenvolver recursos de pensamento que, de forma sistematizada, têm a capacidade de significar diversos processos do mundo, sempre em relação

33

com a história, a cultura e as produções subjetivas de quem participa desses espaços. De toda forma isso não quer dizer que o que é clássico signifique ultrapassado, pelo contrário, são modelos fundamentais para uma compreensão mais ampla da forma como a psicologia se configura enquanto ciência. (Mori, 2020)

Sendo assim, o trabalho psicológico que se orienta pela Teoria da Subjetividade deve sempre levar em conta em sua prática os princípios que fundamentam a Teoria da Subjetividade:

1) o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento; 2) a conversação e o diálogo como elementos centrais o processo de construção de informações e 3) a valorização do singular como fonte de produção do conhecimento científico. A relação entre esses princípios deve ser capaz de tecer a trama relacional que acontece no contexto psicoterapêutico. Tudo isso deve ter como pano de fundo a ideia de que a psicoterapia é um processo investigativo. Até o momento as produções presentes na Teoria da Subjetividade sobre a psicoterapia deixam os princípios da epistemologia qualitativa subentendidos na compreensão do que é psicoterapia. Minha tentativa nessa discussão é de ampliar a relevância de como esses princípios participam de forma ativa na atuação clínica e na pesquisa em psicoterapia. (Mori, 2020)

O primeiro princípio, a compreensão do caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, deve estar presente no consultório por meio de nossas intervenções e questões podendo viabilizar que o paciente ao se expressar entre em contato com contradições, com conflitos presentes na história, com desejos que nunca foram atendidos e assim possibilitar o início de uma construção colaborativa de saber sobre ele. Dessa forma o psicoterapeuta deixa uma postura de escuta passiva e passa a tecer o momento dialógico baseado nos indicadores que tomam forma ali. É através do diálogo que os indicadores são produzidos, e esse constante movimento de criação possibilita que o paciente produza saber sobre si. Isso não acontece pela ação direta do psicoterapeuta, mas acontece em como aquela relação passa a mobilizar novas

34

produções de sentido para a pessoa em psicoterapia. É fundamental compreender que o mesmo acontece no caminho inverso. Se considerarmos a centralidade do diálogo e da relação como centrais para a compreensão da psicoterapia pela Teoria da Subjetividade, temos que considerar que esse contexto também é um espaço fundamental para o desenvolvimento do psicoterapeuta na sua atuação no consultório e para aspectos que transcendem sua configuração subjetiva de ser psicoterapeuta. Sendo assim, consideramos que a psicoterapia tem o potencial de ser um espaço

de desenvolvimento pessoal para todos que estão envolvidos nesse processo.

O segundo princípio, traz a comunicação e o diálogo para a centralidade do processo de construção de informação e, nesse caso, para o momento de produção de saber do paciente sobre o seu próprio processo de vida. Reconhece que as palavras são formas como expressamos nossas produções sobre diferentes momentos da nossa história. Assim sendo, a ideia de sentidos subjetivos não está na palavra, mas na expressão do que foi vivido pela pessoa. Ainda assim, a abstração do conceito de sentidos subjetivos não permite a elaboração imediata pelo que está sendo dito na sessão, ou seja, é impossível ter acesso direto aos sentidos subjetivos. Eles funcionam como uma via privilegiada que sensibiliza o psicoterapeuta a perguntar sobre o que não está evidente no que está sendo falado. O que vem a ser motor criativo das perguntas e intervenções de um psicoterapeuta que se orienta pela Teoria da Subjetividade não é o acesso direto aos sentidos subjetivos, mas a forma indireta que esses sentidos aparecem nos mais diversos momentos de expressão do paciente na relação com o psicoterapeuta. Ou seja, não é um tipo específico de intervenção do psicoterapeuta que é capaz de mobilizar a expressão da pessoa, mas o modo como aquele contexto, aquela relação vem se configurando, para ambos, ao longo do processo terapêutico.

Nesse sentido, diferente do que usualmente a Teoria da Subjetividade tem pensado sobre os indutores do diálogo, considero que a postura do psicoterapeuta no decorrer de processo

35

relacional também é um indutor dialógico. Isso tem a ver com o que é capaz de mobilizar emocionalmente a pessoa em psicoterapia, ou seja, a subjetividade encarnada, o corpo, pode sim mobilizar diversos processos da pessoa em psicoterapia. Assim, inclusive questões de gênero presente na subjetividade social fazem parte desse espaço compartilhado em que se inicia um processo psicoterapêutico. Os elementos simbólicos de um consultório também podem ser potencialmente considerados como indutores de diálogo, e aqui eu quero falar sobre o espaço

físico em si, onde o psicoterapeuta senta, se senta ou não sempre na mesma cadeira, se senta ao lado do paciente para fazer um desenho ou alguma intervenção manual, todos esses vêm a ser elementos fundamentais na consolidação da relação terapêutica. A pessoa subjetiva tudo que tem relação com o processo terapêutico e com a subjetividade social do espaço que o profissional e a pessoa em psicoterapia compartilham, elementos da subjetividade social participam constantemente do que é falado em psicoterapia, possibilitando o desenvolvimento de zonas de sentido diversas que não seriam possíveis de outra maneira. (González Rey, 2005; Muniz, 2015, 2019; Mori, 2020, Neubern, 2005)

Fica evidente, então, a ideia de que os sentidos subjetivos são produzidos ao longo de uma história e alimentam diversas configurações subjetivas que se atualizam no momento em que vivemos diversos processos no agora. Sentidos e configurações que foram produzidos e se organizaram no passado se expressam muitas vezes no momento atual, não de forma direta pela premissa de causalidade, mas pelo princípio de multideterminação dos processos humanos. Assim, não são as coisas do passado que determinam o que a pessoa vem a ser hoje, pelo contrário, é a forma como hoje e, muitas vezes, no momento em que é questionada, a pessoa é capaz de mobilizar diferentes sentidos subjetivos que têm o potencial de olhar para o passado de uma forma diferente.

36

Nesse sentido, o papel do psicoterapeuta-pesquisador que atua a partir da Teoria da Subjetividade seria de mobilizar reflexões a partir do que a pessoa fala no contexto da psicoterapia, considerando toda dimensão histórica e cultural envolvida nesse processo. A partir disso, podemos considerar a possibilidade de que essas reflexões que acontecem em um recorte dialógico da psicoterapia mobilizem uma diversidade de processos emocionais e simbólicos que podem facilitar a mudança. Assim, quando falamos de eventos do passado nesse momento dialógico, não estamos buscando determinações para comportamentos, pensamentos ou eventos

que acontecem no agora, mas em como questões do passado, quando atualizadas emocional e simbolicamente em psicoterapia podem mobilizar a compreensão do agora a partir de um prisma multifacetado de possibilidades de mudança que acontecem em psicoterapia. É interessante a forma como as categorias da Teoria da Subjetividade se propõe a uma distorção da temporalidade caminhando na direção contrária de explicações que busquem a “raiz” de um problema, tornando possível que aquilo que aconteceu no passado se configure e mude no presente em direção ao processo de autonomia em relação a própria vida.

O terceiro princípio da Teoria da Subjetividade se caracteriza como “o singular como fonte de produção do conhecimento científico” (González Rey, 2006). Aqui, toda a concepção desse pilar da teoria deve fazer parte da compreensão da pessoa em psicoterapia. Nossa compreensão do que é singular vai para além do que se entende como individual. A singularidade é a produção de sentidos subjetivos que acontece na tensão que existe entre a subjetividade individual e a subjetividade social, ou seja, a singularidade é a instância que vincula a possibilidade de compreensão da pessoa e dos grupos imersos em contextos históricos e culturais.

Então, quando a pessoa está em psicoterapia, o que ela fala sempre está para além do momento atual. Os sentidos que são mobilizados pelo diálogo com o psicoterapeuta dão a possibilidade de compreensão de processos que vão inclusive para além dos processos da pessoa,

37

mas que participam da sua vida. Esse é um aspecto que a todo tempo aparece no consultório, no momento que se segue a esse - análise e construção da informação - em alguns momentos ficam explícitos indicadores sobre a subjetividade social.

A ideia do singular como fundamento epistemológico possibilita que dicotomias clássicas do pensamento psicológico sejam desfeitas, dicotomias essas como: individual e social, mente e corpo, saúde mental e saúde física, histórico e atual, que se expressam em teorias amplamente difundidas nas discussões em psicologia. Essas dicotomias evidenciam linearidades de

pensamento que não abarcam a complexidade dos processos humanos e sociais. Tais tendências na psicologia também expressam um caráter ideológico de compreensão do ser humano e produção de saber. (Mitjans Martinez, 2005; Holanda, 2012, González Rey 2004, 2007)

É também fundamental pensar no que a Teoria da Subjetividade tem escrito sobre subjetividade a partir do que pensou seu fundador. González Rey (2007) caracteriza o momento da psicoterapia associando-o diretamente como um espaço de educação e desenvolvimento subjetivo, porém o autor compreende ambos os processos quase como sinônimos.

## **5. O cenário social e a participante de pesquisa**

A participante de pesquisa, de nome fictício Juliana, está em processo psicoterapêutico comigo há um ano e meio. Vale comentar que foi a primeira paciente que atendi presencialmente durante a pandemia. O contexto da casa da paciente não permitia que ela tivesse privacidade para realizar as sessões.

Juliana é uma mulher de 49 anos, nascida no interior de Goiás. Casada com o primeiro namorado há quase vinte anos, mãe de um menino de 13 anos. Mora em Brasília há 20 anos e é servidora pública há 18 anos.

Juliana foi a primeira pessoa que pensei em convidar para ser participante dessa pesquisa.

Nossa relação no consultório se consolidou de forma muito consistente ao longo do tempo. Ela desenvolveu uma forma muito criativa de lidar com as questões mais difíceis de serem faladas na terapia: a leitura. A associação com histórias e com personagens, e até com a produção escrita, sempre fizeram parte de nossas sessões.

Quero entrar a fundo nas questões relacionadas ao nosso processo terapêutico, a forma como ela lidava de forma muito criativa com as questões que estavam mobilizadas naquele espaço e na minha relação com ela. Também, na análise e construção da informação, pretendo pensar sobre a forma como minha atuação como psicoterapeuta e minha relação com essa paciente mobilizaram diferentes processos no nosso percurso juntos. Antes de entrar no caso, vamos avançar sobre a forma como a Teoria da Subjetividade compreende psicoterapia.

## **6. Análise e construção da informação: Psicoterapia, teoria e prática a partir da Teoria da Subjetividade.**

As informações presentes ao longo de toda essa análise foram transcritas no prontuário da paciente Juliana nos momentos dialógicos semanais que tivemos de psicoterapia ao longo dos dois últimos anos, uma vez que a ideia desse momento do trabalho é compreender a forma como se configura a psicoterapia a partir da Teoria da Subjetividade e do método construtivo-interpretativo, além de identificar aspectos do meu desenvolvimento como psicoterapeuta.

Assim, reconhecendo a impossibilidade de retratar a totalidade de dois anos de psicoterapia neste trabalho, analisei previamente todos os relatórios de sessão ao longo desse tempo, destaquei alguns momentos significativos da nossa relação para ilustrar a forma como as categorias da teoria deram corpo ao processo de psicoterapia dessa pessoa.

*Juliana - Então, eu descobri o seu perfil há alguns meses, você fez uma live com uma amiga minha, que é psicóloga lá de São Paulo, sobre desenvolvimento infantil. Comecei a te seguir e assistir o seu conteúdo, perguntei se ela achava uma boa eu fazer terapia com você... depois eu só precisei tomar coragem pra entrar em contato e marcar.*

Logo no início a paciente traz para o diálogo elementos significativos da subjetividade social que compartilhamos no momento da pandemia. A mensagem “fique em casa” era quase um convite para assistir às lives dos temas que nos interessavam. Nós, profissionais da psicologia, passamos a ocupar o espaço digital de forma cada vez mais ativa, compartilhando nossos pensamentos a respeito daquele momento que estávamos todos imersos e obrigatoriamente compartilhando.

Me chamou a atenção o motivo do interesse dela a respeito do desenvolvimento infantil. Em um primeiro momento tive um impulso de perguntar o motivo do termo “tomar coragem” para marcar a primeira sessão de terapia. Me contive, era meu primeiro contato com ela.

Contudo, a iniciativa dela de buscar psicoterapia é um indicador de que ela está ocupada com o próprio desenvolvimento pessoal. Mesmo não conhecendo a paciente nesse momento, a forma como ela pontua a coragem de marcar por iniciativa própria é algo relevante e que de alguma forma orienta o meu olhar nesse momento inicial. Esse também pode ser considerado um dos motivos pelos quais eu optei inicialmente por não entrar nessa questão. É um indicador de preocupação com o próprio desenvolvimento pessoal, mas também pode ser um indicador de estar sensível e vulnerável nesse momento.

Essa minha percepção sobre minha prática me permite produzir um indicador de desenvolvimento enquanto psicoterapeuta. Não interessava nesse momento intervir diretamente,

40

mas conhecer a paciente para que naquele momento de diálogo ela se sentisse à vontade para contar o motivo pelo qual ela precisou de “coragem” para marcar a terapia.

Eu - *Ah, que legal. Esse tema te interessa? Você tem filhos?*

Juliana - *Eu tenho muito interesse. Tenho um pré-adolescente de 12 anos. Mãe de menino precisa se interessar por esse tema.*

Desse trecho é possível a produção de um indicador a respeito da maternidade como uma dimensão importante da vida para ela. Também posso pensar em um outro indicador produzido exclusivamente sobre o trecho “mãe de menino”, um indicador de valorização das mulheres, e eu explico. Atualmente é visto que os discursos feministas têm integrado de forma massiva as redes sociais. Tem se discutido muito a respeito de como mães e pais de meninos podem, na criação de seus filhos, proporcionarem momentos de desenvolvimento de masculinidades mais saudáveis do que as presentes hoje em dia. É interessante como os dois indicadores nesse trecho se relacionam intimamente. Pensar que a maternidade pode ser uma configuração subjetiva dominante da vida dela me leva a pensar então que essa configuração pode mobilizar sentidos subjetivos diversos da direção de criar um filho melhor para lidar com as mulheres. Além disso, também podemos pensar sobre a criação dela enquanto filha, a forma como foi organizada a relação com a mãe e o quanto ela reproduz a mesma lógica ou tenta por meio do exercício da maternidade mudar a orientação dela no desenvolvimento do filho.

Vale pensar que, aqui os indicadores funcionam como conjecturas sobre o que ela estava me falando naquele momento. São reflexões minhas a respeito do que estava sendo dito no primeiro contato comigo, sem informações suficientes para sustentarem uma análise mais ampla.

41

Porém, são fundamentais para tecer minhas pontuações e perguntas com o foco em investigar diferentes dimensões da vida dessa pessoa.

Entendo que esse é um indicador da forma como meu percurso estudando a Teoria da Subjetividade em outros contextos me permitiu uma apropriação dos conceitos que orientam o

diálogo no consultório. As categorias da teoria estão presentes na minha escuta e nas minhas perguntas. Entendo como fundamental para o psicoterapeuta que atua pela Teoria da Subjetividade a compreensão processual dos fenômenos humanos. Isso quer dizer que a minha escuta deve estar para além do que está sendo dito, ela deve viabilizar produções teóricas investigativas que permitam a construção e interpretação do que é falado pelo paciente e também por mim. Todo processo de psicoterapia a partir da Teoria da Subjetividade caminha de encontro com o princípio do diálogo, isso rompe com a ideia do psicoterapeuta neutro e focado apenas no que acontece dentro do consultório. Ao contrário, isso permite que o que é falado pelo paciente e também por mim, faça parte do meu desenvolvimento pessoal, que perpassa diretamente a minha prática profissional. Por conta disso, ao longo dessa construção de informações, vão surgir indicadores sobre o que orienta o meu trabalho, meu desenvolvimento enquanto psicoterapeuta e reflexões sobre o que ancora minhas intervenções na clínica.

*Eu – E como é ser mãe desse pré-adolescente?*

*Juliana - Tento manter a relação o mais próxima possível. Tenho estado cada vez mais próxima dele ao longo do tempo. Me realizo sendo mãe do Gu. É claro que ele está entrando nessa fase mais delicada e esse é um dos motivos pelos quais decidi vir pra terapia.*

*Eu- Foi um dos motivos que te deu coragem para vir à terapia?*

*Juliana - Isso também, quero ser a melhor mãe possível para ele.*

42

Esse trecho corrobora com o indicador sobre a configuração subjetiva dominante da maternidade na vida dela, é um dos fatores que leva à coragem da terapia. Ao mesmo tempo, também possibilita considerar o indicador de ocupação com o próprio desenvolvimento pessoal. Todas as vezes que ela faz menção à maternidade eu me pergunto: *o que será que tem a mãe?* É claro que, com base na Teoria da Subjetividade, consideramos a complexidade configuracional dos processos de vida, contudo, a maternidade é uma dimensão significativa que pode ter sido

constituída no papel de filha.

eu - *Isso também?*

Juliana - *Isso também. Tem algumas outras coisas que não foram resolvidas na terapia anterior*

eu - *Como foi?*

Juliana - *Então...não foi. Foi uma experiência terrível. Eu tinha, eu tenho... um hábito de arrancar as pontas do meu cabelo quando eu tenho algum momento mais complicado. Falei com uma amiga que me falou sobre fazer terapia, já era uma coisa que, pra ser bem sincera, eu não queria fazer, mas marquei com uma psicóloga do plano de saúde mesmo.*

Eu - *E aí?*

Juliana - *Ela deu um nome pra isso de arrancar o cabelo que agora eu esqueci. Falou que podia ser um sintoma de ansiedade.*

eu - *Eo que você acha?*

Juliana - *Acho que ela não queria me escutar. Foi uma consulta de menos de 30 minutos. A sala dela não era assim, sabe? parecia a sala que ela tinha pegado de um amigo médico... sei lá, tudo foi estranho.*

É interessante como o trecho possibilita pensar alguns aspectos sobre a lógica mercadológica que a psicoterapia está inserida. Podemos pensar um indicador de concepção da

43

psicoterapia vinculada ao modelo biomédico. Da mesma forma que consultar qualquer médico, ela foi na lista do plano de saúde e escolheu a psicóloga da forma mais conveniente, perto de casa, sem custo adicional, numa ideia quase que prescritiva do que aconteceria em uma psicoterapia. Esse indicador, relacionado ao modelo biomédico, também ressalta um incômodo absoluto pela forma como ela foi atendida, a vontade de ser ouvida pela profissional foi substituída exatamente pelo que ela queria, o nome para o que ela fazia, o que causava e tudo a toque de caixa.

Penso que a ideia dela de fazer psicoterapia poderia estar relacionada a um lugar de cuidado. Quando pensamos nos indicadores relacionados à maternidade, também pensamos nela como cuidadora e precisamos considerar a relação de ser cuidada pela mãe. Essa reflexão está atrelada a concepção vigente na subjetividade social hegemônica em que ser mulher significa ocupar um lugar de cuidado. É claro, que trabalhando dentro de uma lógica construtivo-interpretativa, essa não é uma relação direta, nem toda mulher vai ocupar um lugar de cuidado, mesmo tendo em vista questões relacionadas ao papel de mãe. Contudo, estamos pensando aspectos da fala da paciente que estão interligadas com questões para além do que está sendo dito.

Inclusive, é interessante pensar que inicialmente ela buscou uma psicoterapeuta mulher por esse motivo. Pensar que as mulheres podem ser mais acolhedoras do que os homens é um aspecto da subjetividade social muito presente na cultura brasileira. Ao se deparar com o oposto acontecendo, o incômodo dela com o espaço da psicoterapia fica bastante explícito. Podemos produzir um indicador de que ela estava em busca de um lugar de cuidado, de um profissional que a escutasse e não prescrevesse o que ela tinha ou o que deveria fazer.

Uma outra possibilidade de reflexão sobre a subjetividade social brasileira, a partir desse trecho, é pensar a forma como uma sociedade marcada pelo machismo integra o comportamento

44

dos homens ao ponto que estes não sejam reconhecidos como pessoas “do cuidado”. Essa mesma marca integra a possibilidade de que as mulheres sejam vistas quase como “entidades do cuidado”. Esse é um tema que a psicologia constantemente vem tensionando, em especial nos últimos anos, pensar a forma como o gênero participa da nossa constituição como pessoa e conseqüentemente a relação disso com a forma que o outro nos percebe em cada contexto. (Pinheiro e Freitag, 2020)

Vale ressaltar ainda a forma como o espaço físico fez com que ela associasse à lógica

médica. É claro que o espaço físico do consultório não determina a qualidade do profissional ou a relação que acontece entre o psicoterapeuta e o paciente. A partir da Teoria da Subjetividade, a centralidade do diálogo deve ser preponderante ao espaço físico. Contudo, também faz parte da subjetividade social a ideia de um espaço específico, um *setting* terapêutico para que aconteça a psicoterapia, é uma ideia que historicamente foi instituída pela psicanálise, a presença da cadeira do analista e do divã são elementos que trazem uma familiaridade do que seria um espaço dedicado à psicoterapia. Em nenhum momento eu voltei ao assunto sobre o espaço físico com ela, as ideias sobre isso foram posteriormente pensadas. (Barros, 2013; Migliavacca, 2008)

*Eu - Sim, mas e aí, entendi algumas coisas que te trouxeram de volta para terapia, mesmo depois de uma experiência que não foi boa, mas o que mais?*

*Juliana - Bom, primeiro eu sigo arrancando as pontas do cabelo, às vezes eu só percebo quando já vejo vários no chão, tem essa angústia mesmo.*

*Eu - Sim, essa parte eu entendi. O que mais?*

Eu questiono mais uma vez o motivo pelo qual ela busca psicoterapia, isso tem um motivo muito específico e, qualitativamente, talvez tenha um valor simbólico na constituição da

45

nossa relação em psicoterapia. Os motivos de retornar para a psicoterapia estão calcados na maternidade e nessa angústia que resulta no ato de arrancar os cabelos, a tricotilomania. Porém, em nossa compreensão dos processos humanos, entendemos que as configurações e os sentidos subjetivos são configurados e emergem dentro de uma dinâmica cultural e temporal. Sendo assim, podemos produzir um indicador de falta de clareza do que realmente mobiliza ela ao retorno da psicoterapia.

Esse é um indicador interessante, inclusive, para ser questionado nesse contexto, afinal: a

pessoa precisa ter clareza do motivo pelo qual ela quer ir para psicoterapia? Em um impulso imediato eu penso que não. Nem ela e nem qualquer outra pessoa precisa ter clareza do motivo que evidencia a necessidade de um processo psicoterapêutico. Na verdade, o que muitas vezes vemos no consultório é o oposto do saber, aparece a valorização do sintoma e a imposição que o psicoterapeuta “cure” aquilo que incomoda o mais breve possível. Isso permite a construção de um outro indicador: a aceleração dos processos de saúde de forma geral e a alienação do saber sobre si são pontos importantes de reflexão para a prática profissional do psicoterapeuta.

Penso que deve fazer parte do compromisso social do psicólogo no contexto clínico, promover mudanças individuais capazes de tensionar processos diversos para além daquele contexto específico. Considero, ainda, que esse seria um forte determinante para considerar a emergência do sujeito em psicoterapia, aquele que consegue aprender sobre si mesmo, sobre seus incômodos com o mundo e consegue, a partir disso, mobilizar recursos subjetivos para tensionar processos de mudança.

O diálogo segue:

*Juliana - Você quer que eu fale de algum problema com a minha mãe, né?*

46

*Eu - Falar de algum problema com a sua mãe, você acha que eu preciso falar disso?*

*Juliana - Eu acho que você quer que eu fale, né... psicólogo sempre quer saber da mãe.*

Talvez esse seja um dos trechos mais interessantes para pensar a forma como a psicologia tem sido representada pelas pessoas no senso comum. Na minha compreensão, isso tem uma relação direta com a forma que nós psicólogos temos comunicado a psicologia nos mais diversos espaços. De forma um tanto quanto precipitada, posso considerar que nesse trecho ela faz

referência à psicanálise e não necessariamente à psicologia como um todo. Ao longo do tempo a psicanálise tem aparecido das mais diversas formas em filmes, romances, séries, e faz parte de todo um imaginário da subjetividade social. E é fato que a psicanálise, em toda extensão de sua obra, traz para a discussão a importância da figura da mãe para a constituição psíquica, mas, não de forma direta como muitas vezes as pessoas entendem e reproduzem.

Podemos pensar um indicador de que a psicanálise faz parte da produção simbólica sobre psicologia presente na subjetividade social e nesse momento se expressa na fala da paciente. Isso acontece porque a divisão entre a subjetividade social e individual acontece apenas para a compreensão didática das categorias, mas devem sempre ser compreendidas como processos que se constituem de forma imbricada.

Esse trecho também possibilita produzir um indicador sobre terceirização do protagonismo do paciente para o psicoterapeuta. Dessa forma ela não se responsabiliza pelo tema que vai ser falado na sessão, já que o terapeuta que decidiu que ela deveria falar das questões com a mãe. É importante lembrar a pessoa em psicoterapia que estamos falando dela, sobre os processos dela e que não sabemos mais sobre a pessoa do que ela mesma. O protagonismo em psicoterapia deve ser da pessoa em psicoterapia.

47

*Eu - Aqui eu não quero que você se sinta obrigada a falar de nada, mas se você quiser falar da sua mãe, você pode.*

*Juliana - Eu sei que eu preciso falar dela... eu só não sei como eu vou falar de uma coisa que não sei por onde começar. Ainda tem tempo?*

Para além do indicador da forma como a psicanálise participa da forma como concebemos a psicologia no senso comum, também podemos produzir um indicador sobre a forma como que falamos nos espaços de saúde deve sempre ser tutelada por um terceiro, normalmente um

profissional de saúde que sabe mais sobre o que a pessoa deve falar do que ela mesma. Entendo que a tutela, o que é o manual e o que é sistematicamente estabelecido, *a priori*, significam exatamente o oposto de um processo de psicoterapia. A partir dessa afirmativa consideramos que o processo terapêutico deve focar em um movimento de autonomia da pessoa sobre a sua própria vida, mesmo que isso tenha que começar pelo básico possível de ser feito em psicoterapia: escolher o assunto que quer dialogar em psicoterapia.

A fala da paciente quando eu afirmo que o assunto é ela quem decide e que se ela quiser falar sobre a mãe ela tem liberdade sobre isso, traz um indicador de incômodo em relação ao assunto. Sinto que esse é o tipo de situação que elucida a possibilidade do desenvolvimento subjetivo do psicoterapeuta. No momento que ela me pergunta se ainda temos tempo, eu poderia como em outros recortes teóricos fazer um reflexo do incômodo que senti em sua fala. No entanto, considero que esse sentimento é fundamental para tensionar a energia desses assuntos mais difíceis.

Eu - *Ainda temos tempo, mas você não precisa falar disso agora. Quando você quiser, pode ser?*

48

Juliana - *Eu quero falar disso, mas eu tenho muita dificuldade. E não é que me faltam palavras, é que eu não consigo falar.*

Eu - *E se você escrever?*

Juliana - *(silêncio)*

Eu - *Escrever mesmo, como se você estivesse escrevendo uma carta pra ela, entende? aí você traz na semana que vem*

Juliana - *Eu posso tentar.*

Eu - *Combinado, então até semana que vem.*

González Rey (2006) pontua que os sistemas já elaborados de representação da realidade

ajudam com que as pessoas se engajem subjetivamente, nesse momento, em engajamento subjetivo na relação que se construía na psicoterapia e na vontade dela em falar da mãe mas ainda não conseguir colocar na fala essa vontade. Entendo que a sugestão da carta vem nesse sentido, trazer para a escrita o que ela ainda não consegue colocar na fala.

Ao mesmo tempo, identifico nessa intervenção um indicador de pressa que ela falasse dessa relação com a mãe. Sinto que para um primeiro momento não existia a necessidade da produção de uma carta, era nosso primeiro momento de diálogo e talvez ao longo do tempo ela fosse elaborando algo sem uma sugestão direta do que deveria ser feito para que ela falasse da mãe. Também sinto a possibilidade de produzir um indicador de tensionar a qualquer custo, e eu explico, por algum motivo, esse (breve) movimento dela em resistir de falar da mãe me motiva a provocar um desconforto que talvez fosse necessário, mas não em um primeiro momento. Ela já havia sinalizado um desconforto com o contexto da psicoterapia, essa provocação poderia promover ainda mais resistência por parte dela.

Sinto que isso de alguma forma me afastou brevemente da concepção do papel do psicoterapeuta que atua com base nos princípios da Teoria da Subjetividade. Compreendemos que

49

o psicoterapeuta com base nesse referencial deve atuar como um agente mobilizador e facilitador da expressão da pessoa pelos temas que transita a partir do momento dialógico que se configura no momento. A tentativa da imposição de uma carta para a mãe vem quase como um “dever de casa”, como se isso fosse mobilizá-la para que na próxima sessão tivesse mais facilidade em falar sobre esse assunto, mas não é a ação direta do psicoterapeuta que possibilita que a pessoa em psicoterapia entre ou não em assuntos mais difíceis. O que possibilita isso é a qualidade da relação que torna os assuntos mais complexos um pouco mais confortáveis de serem tratados.

O trecho, junto com os indicadores que apareceram até o momento, também permitiram construir a primeira hipótese sobre a paciente: a forma como a maternidade e a mãe se tornaram

ao longo do tempo configurações subjetivas dominantes no processo de vida dessa pessoa. Essa hipótese toma forma pelos indicadores que vieram sempre na direção de como aparecem os sentidos subjetivos mobilizados por essa configuração. Além dos sentidos subjetivos, acredito que o movimento de busca pelo processo da psicoterapia viabiliza uma configuração subjetiva da ação de busca pelo próprio desenvolvimento pessoal.

Também é possível pensar em outra hipótese sobre o estar em desenvolvimento subjetivo enquanto psicoterapeuta: a vivência de consultório e o pensamento reflexivo que acompanha a prática clínica são elementos centrais para o desenvolvimento do psicoterapeuta e da teoria. Isso não é uma característica exclusiva da Teoria da Subjetividade, isso deve se tornar rotina para o avanço da psicologia na clínica.

O fato é que durante um pouco mais de uma semana eu não parei de pensar na forma precipitada como eu sugeri a “carta à mãe”. Isso me possibilita pensar um indicador de investimento afetivo da minha prática clínica, eu me preocupei com que sentimentos a minha intervenção poderia ter mobilizado naquela pessoa que, de uma forma ou de outra, já tinha se mostrado frágil para falar dela mesma.

50

Juliana - *Eu não escrevi a carta.*

Eu - *A carta não era uma obrigação, era uma...*

Juliana - *Mas eu queria muito ter escrito, não pelo que você me pediu, mas pelo que eu pensei para escrever. Eu não tive tempo de comentar, mas eu gosto muito de escrever, sou uma leitora assídua de todo tipo de literatura que você puder imaginar e isso sempre acaba em alguma escrita para aliviar meus sentimentos. Eu nunca tenho com quem falar.*

Eu - *Bom, então...*

Juliana - *Então eu não escrevi por dois motivos. O primeiro é que, por gostar de escrever, eu sempre tenho a escrita muito fluida, as ideias saem e, como eu disse, é onde eu consigo colocar*

*meus sentimentos. Quando eu sentei pra escrever essa carta, o turbilhão foi tamanho que não saiu nada. O segundo é que a mínima chance dessas palavras magoarem minha mãe me fizeram paralisar diante da tela do computador.*

Sinto nesse momento a possibilidade de construção de dois indicadores complementares. Primeiro um sentimento de culpa pelo fato de não ter escrito a carta em segundo sobre a necessidade de prestar contas para o psicoterapeuta. Mesmo sem ser questionada sobre a carta, ela volta para o consultório imediatamente, sinalizando que não a escreveu e ainda trazendo dois motivos interessantes para isso.

Isso possibilita pensar que ainda nesse momento o espaço de psicoterapia para ela ainda tem uma relação direta com o contexto médico. A vontade e culpa mobilizadas pelo fato de não ter escrito a carta é a mesma que contar para um médico ou para um nutricionista se ela tinha ou não seguido os passos do tratamento diante de algo que tinha sido prescrito. Mesmo entendendo que a sugestão da carta à mãe teria que funcionar como um indutor que facilitasse o desenvolvimento do diálogo a carta, na verdade evidencia um indicador de uma forte relação com

51

esse contexto médico em que essa “prestação de contas” vem quase como uma obrigação. Compreendo que esse é um movimento presente na subjetividade social que constantemente participa do campo de desenvolvimento da psicoterapia e do trabalho dos psicoterapeutas. Existe uma cobrança dos pacientes sobre “o que devem fazer”, como se o psicólogo tivesse um modelo previamente estabelecido ou um guia do que a pessoa deve ou não fazer da própria vida. O fato é que psicoterapia não é remédio. Sinto que Juliana também entendia que o momento da carta seria como uma pílula para “curar” questões dela com a mãe.

Nesse sentido vale pensar uma questão relevante para o campo das psicoterapias, a compreensão do processo de psicoterapia como um tratamento que tem em seu fim uma “cura”

daquilo que incomodava quando o processo se iniciou. Entendo, a partir do que a Teoria da Subjetividade compreende como processos humanos que a psicoterapia não tem um fim em si mesma, ou seja, não pensa na “cura” como um fim do processo terapêutico, ao contrário disso, a psicoterapia é compreendida como um possível momento de desenvolvimento subjetivo, que tem em seu cerne a impossibilidade de prever de que forma esse movimento vai acontecer. Ou seja, não existe um caminho prescrito, existem possibilidades que aparecem na relação terapêutica.

Também é possível produzir um indicador de falta de diálogo entre ela e a mãe. A possibilidade das palavras que ela tinha a escrever magoarem a mãe impediu que ela escrevesse a carta. Em uma família que preza pela conversa como viés para compreensão do outro, o diálogo se dá mesmo com a possibilidade de atrito ao falar sobre assuntos mais complexos. Talvez, ao longo da história dela nessa família, nas tentativas eventualmente feitas de se posicionar frente aos pais ou irmãos, ela tenha sido convidada a se calar ou a concordar com o que estava sendo dito.

52

Juliana - *Você não vai acreditar no que eu fiz* - ela me entregou um envelope de papel pardo, com a data.

Eu - *Você quer que eu abra?* - naquele dia por algum motivo eu tive um lapso de memória sobre a carta. Já tinha algum tempo que não falávamos sobre ela, eu não achei que ela fosse realmente escrever.

Juliana - *Não na minha frente. Você pode ler e me fala o que achou na nossa próxima sessão, pode ser?*

Existe um indicador de um sentimento de vergonha em relação ao que está escrito. Me questiono sobre a relação terapêutica que vinha estabelecendo com essa pessoa. Em um pressuposto ideal a relação em psicoterapia é qualitativamente diferente das demais relações da vida da pessoa. Penso que talvez a minha forma de condução, mesmo que centrada no diálogo e

nas questões trazidas por ela, poderiam de alguma forma mobilizar sentidos subjetivos de alguma configuração subjetiva anterior que se fazia presente no momento que ela, por algum motivo, tem vergonha ou medo de um possível julgamento sobre o que está escrito na carta. Naquele momento eu não pensei sobre isso, coloquei a carta na gaveta e disse que leria para a próxima sessão, mesmo sem saber ao certo o que ele esperava que eu dissesse sobre a carta. Também podemos pensar em um indicador de que ela fez apenas como uma tarefa de casa, não tendo de fato um valor reflexivo, então não tinha um motivo para falar disso ao longo da sessão.

Me lembro como esse diálogo me suscitou uma angústia ensurdecadora e um questionamento sobre o meu papel como psicoterapeuta. Esse é um indicador de envolvimento emocional com a minha prática a forma como ela reverbera na pessoa que, naquele momento, confiou em mim a sua história. A minha intenção sempre foi que a carta possibilitasse uma ação concreta e reflexiva sobre a relação que ela tinha com a mãe, mas de forma alguma eu teria controle sobre os possíveis processos que seriam mobilizados no momento da escrita.

53

As informações a seguir são partes da carta e trechos do meu diálogo com ela sobre o que que tinha escrito:

*“E se você escrevesse uma carta para sua mãe?” Foi o que o meu terapeuta pediu na nossa primeira sessão. Acontece que na semana seguinte quando cheguei para o segundo encontro, apareci de mãos vazias”*

*Eu - Eu não me lembro de ter te pedido isso na primeira sessão... achei que tinha pedido no final do primeiro mês ou algo assim. Bom isso também não é tão importante... Você ficou incomodada com o meu pedido?*

*Juliana - Mas foi no final do primeiro mês, é porque até lá eu não sabia se realmente queria fazer terapia. Aquela foi a primeira sessão, quando eu senti essa dificuldade, essa coisa de não saber se eu ia conseguir fazer.*

Nesse trecho é interessante perceber como de fato eu estava preocupado sobre os possíveis desdobramentos do pedido da carta, o meu medo de ser invasivo quase me fazia perder o centro e o motivo da sessão. Existe também a possibilidade de produzir um indicador sobre a forma que tensionar processos significativos no contexto terapêutico solidifica o vínculo. É simbólica a fala dela que aquela foi a primeira sessão, quando ela foi colocada diante de algo que ela não sabia fazer, que não queria falar e não sabia por onde elaborar. A construção de um indicador sobre como ela se mobiliza pelo desafio também é possível, afinal foi o “desafio” da carta que ela não conseguiu escrever que mobilizou toda nossa construção e evidenciou a importância do tempo para consolidação do vínculo terapêutico.

A forma como esses indicadores vêm conversando ao longo dessa construção da informação corroboram a pensar uma hipótese: a forma como o espaço da psicoterapia se tornou, também, um desafio pessoal para essa pessoa. É interessante perceber como o que inicialmente é pensado como um espaço voltado para o cuidado pode ser dissonante a partir da relação que vai

54

se desenhando ao longo do tempo. Sendo assim, a minha ideia é que esse seja um espaço de promoção de saúde a ponto de que essa pessoa possa se desafiar a falar dos temas mais complexos relacionados a vida dela. O terceiro princípio da Teoria da Subjetividade, a singularidade, ajuda a pensar a forma como a prática profissional e o espaço terapêutico tomam uma forma diferente para cada pessoa, o mesmo também pode acontecer com grupos terapêuticos em outros contextos como o CAPS. Esse é um aspecto interessante para pensar a forma como cada espaço constitui uma subjetividade social específica a partir dos processos dialógicos que tensionam processos individuais. (Costa, 2016)

A breve reflexão acima trata sobre uma possível maneira de se considerar a singularidade da forma como pensamos a partir da Teoria da Subjetividade, sendo pensada no momento. Estar em um processo de construção de informação sobre um caso específico me permite produzir um

indicador a respeito das infinitas possibilidades que surgem no decorrer desse processo. E também, sobre como esse é um aspecto singular de cada pesquisador. Isso quer dizer que, um outro psicoterapeuta em contato com essa mesma paciente ou em contato com essas mesmas informações, poderia pensar indicadores e hipóteses completamente diferente do que foi produzido até aqui. Esse é um dos aspectos centrais da Teoria da Subjetividade para pensar psicoterapia como fonte de produção do conhecimento científico em psicologia, ampliando os alicerces e possibilidades do campo da pesquisa qualitativa. Assim sendo, os processos de construção de informação, mesmo que feitos por um mesmo pesquisador e orientados por objetivos específicos são sempre inacabados e passíveis de contestação e reconstrução.

Por fim, selecionei mais um trecho da carta que foi indutor significativo de diálogo que possibilitou avançar qualitativamente em mais reflexões sobre o caso e sobre o vínculo terapêutico que se constituía naquele momento:

55

*“... a real é que eu firmei um compromisso comigo mesma de que, diante daquele ‘estranho’ com quem me dispus a passar 50 minutos por semana, que sempre seria o mais honesta que eu conseguisse comigo e com ele. Se saio de casa dirijo por meia hora para chegar ao consultório, gasto meu tempo, gasolina e, ainda, o dinheiro da sessão, não vou desperdiçar contando mentiras ou tentando parecer o que não sou...”*

Esse trecho, somado aos indicadores e hipóteses que foram produzidas até aqui, permitem o desenvolvimento de mais duas hipóteses, uma sobre o caso e outra sobre uma produção da subjetividade social a respeito do contexto de psicoterapia. A primeira hipótese é que existia um forte sentimento de desconfiança da paciente sobre falar de si mesma, mesmo que em um contexto como o da psicoterapia. Ao mesmo tempo que demonstra um compromisso semanal em falar dela mesma com esse, que inicialmente foi um “estranho” existe uma resistência, normal e

esperada, em falar dela mesma.

É interessante a forma como aqui também aparece uma dicotomia entre querer estar em psicoterapia, estar ocupada com o seu desenvolvimento pessoal, falar de coisas relevantes com sinceridade e, ao mesmo tempo, condicionar a tantas outras variáveis como trânsito, valor da sessão e a questão do “gastar o tempo”. Podemos produzir um indicador sobre a necessidade dela que o processo terapêutico tivesse uma utilidade, quase como um fim em si mesmo, que não fosse apenas passar um tempo e falar sobre qualquer assunto. Um outro indicador possível seria a importância que ela dá ao tempo e ao dinheiro gasto, e esse é um aspecto que em diversos outros momentos apareceram ao longo das nossas sessões e que não estava relacionada apenas ao contexto da psicoterapia, ali era mais um lugar em que essa lógica de que o que é útil precisava ser repetido.

56

Uma segunda hipótese é que a psicoterapia é reconhecida como um contexto de vulnerabilidade, de exposição e de um compromisso com o que se fala. E sim, sinto que esse foi um pilar importante no avanço em se falar de psicoterapia nas redes sociais, durante e depois da pandemia. Mesmo com uma quantidade significativa de desinformação, vários psicólogos e psicólogas se propuseram a desenvolver um trabalho relevante, viabilizando que mais pessoas tivessem acesso e compreendessem o que significa estar em psicoterapia.

## **7. Considerações finais**

Com essa pesquisa, podemos reconhecer a forma como valorizamos, a partir da Teoria da Subjetividade, a compreensão do constante entrelaçamento entre teoria, epistemologia, método e prática profissional. Assim como, aprofundar a compreensão sobre psicoterapia e valorizar a dimensão construtivo-interpretativa que se evidencia a partir de uma prática de psicoterapia centrada no diálogo como fonte privilegiada da expressão da pessoa. Esse é um aspecto

fundamental para o desenvolvimento de uma prática profissional reflexiva, na qual o diálogo é princípio, instrumento e potencial produtor de conhecimento científico.

A partir dos objetivos norteadores desta pesquisa conseguimos pensar a forma como a Teoria da Subjetividade orienta e participa da construção de um olhar dinâmico e processual para o desenvolvimento da pessoa em psicoterapia e amplia as formas de construção do conhecimento sobre a subjetividade social a partir da singularidade de cada história. Também conseguimos evidenciar a forma como o método construtivo-interpretativo participa das análises de um psicoterapeuta que atua pela teoria, o modo como as interpretações ilustram todo um caminho teórico que permite o desenvolvimento de zonas de sentido diversas sobre a atuação profissional, sobre a subjetividade social e sobre o caso estudado.

57

Além disso, acredito que a presente discussão teórica que buscou relacionar os princípios da Teoria da Subjetividade com a prática do psicoterapeuta, representa um fomento nessa linha de pesquisa. Nesse sentido, acredito que essa é uma discussão potente para questionar a recente emergência de práticas voltadas para a evidência e quantificação de dados de pesquisa. Acredito que essa seja a representação do afastamento da Teoria da Subjetividade em relação ao silêncio epistemológico da psicologia. (González Rey, 2013)

Por fim, o presente trabalho representa um marco na minha trajetória como psicoterapeuta-pesquisador. Ter a possibilidade de entrar em contato com informações vindas da minha prática ampliou meus horizontes em relação às reflexões clínicas. Foi um momento de repensar a atuação no consultório e questionar as tendências normativas e universalizantes que pairam sobre a psicoterapia. O aprofundamento do estudo, da pesquisa e da produção de conhecimento nesse campo, a partir da forma como o concebemos, sempre será de dar visibilidade às dinâmicas processuais da vida, fomentar a independência, a melhor qualidade da expressão e a relação como fonte privilegiada de tensionamento e produção sobre si.

## Referências

Barros, G. (2013). O setting analítico na clínica cotidiana. *Estudos de Psicanálise*, (40), 71-78.

Bezerra, M. D. S. (2019). Educação, subjetividade e desenvolvimento humano: construindo bases para uma avaliação psicológica das dificuldades de aprendizagem em uma perspectiva investigativa.

58

Birman, J. (2016). *Mal-estar na atualidade*. Editora José Olympio.

Campolina, L. D. O. (2007). Tornar-se adolescente: a participação da escola na construção da transição da infância para a adolescência.

Costa, J. M. D. (2016). Subjetividade, educação física e saúde mental: desdobramentos educativos em face à emergência dos sujeitos nos Centros de Atenção Psicossocial–CAPS.

Freud, S. (2016). *Além do princípio de prazer*. L & PM Editores.

Forbes, J. (Ed.). (2014). *Psicanálise: a clínica do real*. Editora Manole.

Fink, B. (2018). *Introdução clínica à psicanálise lacaniana*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.

González Rey, F. (1997). *Epistemología cualitativa y subjetividad*. EDUC-Editora da PUC-SP.

González Rey, F. L. (2013). O que oculta o silêncio epistemológico da Psicologia?. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*. São João Del-Rei, 20-33.

González Rey, F. L. (2001). A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. *Psicologia da Educação. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação*. ISSN 2175-3520, (13).

González Rey, F. L. (2002). *Pesquisa Qualitativa em Psicologia-caminhos e desafios*. Cengage Learning Editores.

González Rey, F. L. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. Editora Pioneira Thomson Learning.

GONZÁLEZ REY, F. Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

Gonzalez Rey, F. (2016). Advancing the topics of social reality, culture, and subjectivity from a cultural–historical standpoint: Moments, paths, and contradictions. *Journal of Theoretical and Philosophical Psychology*, 36(3), 175.

González Rey, F., & Mitjans Martínez, A. (2017). Subjetividade: teoria, epistemologia e método. *Campinas: Alínea*.

González Rey, F., & Goulart, D. M. (2019). Teoria da Subjetividade e educação. *Obutchénie*, (3), pp. 13-33.

González Rey, F., Goulart, D. M., & dos Santos Bezerra, M. (2016). Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. *Educação*, 39(Esp), s54-s65.

Gallert, A. Z., Loureiro, D. G., Silva, M. D., & Souza, R. C. (2011). Subjetividade na pesquisa qualitativa: uma aproximação da produção teórica de González Rey. *Brasília, DF, Brasil*.

González Rey, F., & Goulart, D. M. (2019). Teoria da Subjetividade e educação: entrevista com Fernando González Rey. *Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica*, 3(1), 13-33.

59

Migliavacca, E. M. (2008). Breve reflexão sobre o setting. *Boletim de psicologia*, 58(129), 219-226.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjans. A Teoria da Subjetividade de González Rey: uma expressão do paradigma da complexidade na Psicologia. In: Fernando Luis González Rey. (Org.). *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. 1ed. São Paulo: Thomson, 2005, v. 1, p. 1-25.

Mitjans Martínez, A. (2014). Um dos desafios da epistemologia qualitativa: A criatividade do pesquisador. In A. Mitjans Martínez, M. Neubern & V. Mori (orgs). *Subjetividade contemporânea: Discussões epistemológicas e metodológicas* (pp. 61-86). Campinas: Alínea.

Mori, V. D., & Rey, F. G. (2012). A saúde como processo subjetivo: uma reflexão necessária. *Psicologia: teoria e prática*, 14(3), 140-152.

Mori, V. (2020). Reflection on the value of the theory of subjectivity to signify the practice of psychotherapy. *Studies in Psychology* 41(1), pp. 182-202.

Madureira, A. F. D. A. (2016). Processos identitários, alteridade e diversidade: diálogos entre a psicologia cultural e as artes visuais.

Muniz, L. S. (2015). Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e suas inter-relações com o desenvolvimento da subjetividade da criança.

Muniz, L. S. (2019). DIÁRIO DE IDEIAS E SUAS POTENCIALIDADES PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA. *Revista Práticas de Linguagem*, 9(2).

Neubern, M. D. S. (2005). A dimensão regulatória da Psicologia clínica: o impacto da racionalidade dominante nas relações terapêuticas. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 10, 73-81.

Neubern, M. D. S. (2010). Psicoterapia, dor e complexidade: construindo o contexto terapêutico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, 515-523.

Parker, Ian (2006). Cultura psicanalítica: discurso psicanalítico na sociedade ocidental.

Pinheiro, B. F. M., & Freitag, R. M. K. (2020). Estereótipos na concordância de gênero em profissões: efeitos de frequência e saliência. *Revista Linguística*, 16(1), 85-107.

Rossato, M., & Martínez, A. M. (2013). Desenvolvimento da subjetividade: análise de histórias de superação das dificuldades de aprendizagem. *Psicologia Escolar e Educacional*, 17, 289-298.

Rossato, M. (2019). Contribuições da Epistemologia Qualitativa na mobilização de processos de desenvolvimento humano. In Mitjans Martínez, A., González Rey, F., &

60

Valdés Puentes, R. (Orgs.) Epistemologia qualitativa e Teoria da Subjetividade: discussões sobre educação e saúde (pp. 71-92). 1ª Ed. EDUFU.

[http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/ebook\\_epistemologia\\_qualitativa\\_2019.pdf](http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/ebook_epistemologia_qualitativa_2019.pdf)